

**CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA
CELSO SUCKOW DA FONSECA – CEFET/RJ**

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS - DELEA

BEATRIZ PUGA DOS SANTOS E GABRIELA HUNGERBÜHLER

**O INTERCAMBISTA LEANI COMO EMBAIXADOR DA IDENTIDADE
CULTURAL BRASILEIRA NO EXTERIOR**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

RIO DE JANEIRO

2019

BEATRIZ PUGA DOS SANTOS E GABRIELA HUNGERBÜHLER

**O INTERCAMBISTA LEANI COMO EMBAIXADOR DA IDENTIDADE
CULTURAL BRASILEIRA NO EXTERIOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais, do Departamento de Línguas Estrangeiras Aplicadas, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca.

Orientadora: Angela Lopes Norte
Co-orientador: Leandro da Silva Gomes
Cristóvão

RIO DE JANEIRO

2019

CEFET/RJ – Sistema de Bibliotecas / Biblioteca Central

S237 Santos, Beatriz Puga dos
O intercambista LEANI como embaixador da identidade cultural brasileira no exterior / Beatriz Puga dos Santos e Gabriela Hungerbühler.—2019.
73f.+ apêndice : il. ; enc.

Projeto Final (Graduação) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca , 2019.

Bibliografia : f. 70-73

Orientadora : Angela Lopes Norte

Coorientador : Leandro da Silva Gomes Cristovão

1. Linguagem e línguas - Estudo e ensino. 2. Intercâmbio educacional. 3. Relações culturais. 4. Identidade cultural - Brasil. I. Hungerbühler, Gabriela. II. Norte, Angela Lopes (Orient.). III. Cristovão, Leandro da Silva Gomes (Coorient.). IV. Título.

CDD 407

Elaborada pela bibliotecária Mariana Oliveira CRB-7/5929

Dedicamos este trabalho a nossas famílias, amigos, professores e colegas de curso que, direta ou indiretamente, contribuíram para nossa formação e nos apoiaram durante nossa trajetória. Em especial, gostaríamos de prestar uma singela homenagem ao professor Maxuel Rodrigues, falecido em abril de 2018, que nos ensinou muito mais do que a língua francesa. Merci pour tout, Max.

AGRADECIMENTOS

A realização de um trabalho de conclusão que foi baseado, majoritariamente, em uma experiência prática de grande relevância em nossas vidas profissionais e pessoais é definitivamente recompensadora. Esse trabalho não só marca o nosso período como universitárias, e por um período intercambistas, mas também marca a finalização de uma etapa acadêmica que será para sempre lembrada com gratidão.

E não poderíamos deixar de registrar esse sentimento aqui, agradecendo às pessoas que nos ajudaram a nos tornar quem somos e estiveram conosco durante as experiências que nos influenciaram a conceber esse trabalho. Primeiramente, à nossa orientadora, Angela Lopes Norte, que além de ter sido a principal responsável pelos acordos que possibilitaram a melhor experiência de nossas vidas, o intercâmbio, também foi uma chefe inspiradora e amiga. Ao nosso co-orientador, Leandro da Silva Gomes Cristóvão, que nos ensinou a pensar fora dos padrões acadêmicos e a valorizar nossas vozes. Além, claro, a todo o corpo de professores responsáveis pela nossa formação universitária e aos colegas de trabalho durante nossos períodos de estágio.

As nossas amigas da faculdade não poderiam deixar de ser mencionadas, uma vez que foi de uma delas que nasceu esse trabalho em conjunto. Os amigos que levamos conosco e fizemos durante os nossos intercâmbios (sejam os que estavam, de fato, próximos ou os que a distância acabou afastando) também não podem ser esquecidos.

Nossas famílias e demais amigos também merecem nosso muito obrigada por terem nos incentivado e apoiado durante todos esses anos de formação. Foram cinco anos e meio de muitas dúvidas, novas experiências, desafios e mudanças; mas o suporte de vocês foi fundamental para chegarmos onde chegamos, e por isso somos eternamente gratas.

RESUMO

PUGA, Beatriz; HUNGERBÜHLER, Gabriela. **O intercambista LEANI como embaixador da identidade cultural brasileira no exterior.** 2019. 76 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

Nossa pesquisa foi elaborada motivada, principalmente, por nossas vivências pessoais em relação ao tema e à necessidade que enxergamos de produzir um trabalho voltado para a análise de uma experiência tão rica da vida acadêmica: o intercâmbio. As principais bases para o trabalho foram os conceitos de identidades culturais, diplomacia e mobilidade acadêmica internacional. Baseadas neles, utilizamos o método da análise de conteúdo para extrair de entrevistas narrativas realizadas com alunos do curso de Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais do CEFET/RJ reflexões sobre o papel de representantes ou “embaixadores” do Brasil que eles desempenharam durante suas mobilidades internacionais.

Palavras-chave: LEANI. Intercâmbio. Identidade Cultural. Embaixador.

ABSTRACT

PUGA, Beatriz; HUNGERBÜHLER, Gabriela. **The Foreign Languages Applied to International Negotiations exchange student as ambassador of the Brazilian cultural identity abroad.** 2019. 76 pages. Trabalho de Conclusão de Curso – Federal Center of Technological Education - Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

The main motivations to our research were personal experiences related to its theme and the need we felt to study this rather rich academic experience: exchange programs. Our theoretical basis for this paper were the concepts of cultural identity, diplomacy, and international academic mobility. Based on them, we have used the content analysis method to extract from narrative interviews with students of Foreign Languages Applied to International Negotiations from CEFET/RJ insights about their role as Brazilian representatives, or “ambassadors”, during their time abroad in exchange.

Keywords: Foreign Languages Applied to International Negotiations. Exchange. Cultural Identity. Ambassador.

RESUMEN

PUGA, Beatriz; HUNGERBÜHLER, Gabriela. **El estudiante de Lenguas Extranjeras Aplicadas a las Negociaciones Internacionales en intercambio académico como embajador de la identidad cultural brasileña en el extranjero.** 2019. 76 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

Nuestra investigación fue elaborada motivada, principalmente, por nuestras vivencias personales en relación al tema y la necesidad que vemos de producir un trabajo de análisis de una experiencia tan rica de la vida académica: el intercambio. Las principales bases teóricas para el trabajo fueron los conceptos de identidades culturales, diplomacia y movilidad académica internacional. Tomando ellos en cuenta, utilizamos el método del análisis de contenido para extraer de entrevistas narrativas realizadas con estudiantes del curso de Bachillerato en Lenguas Extranjeras Aplicadas a las Negociaciones Internacionales del CEFET/RJ reflexiones sobre el papel de representantes, o "embajadores", de Brasil que ellos desempeñaron durante sus intercambios.

Palabras clave: Lenguas Extranjeras Aplicadas a las Negociaciones Internacionales. Intercambio. Identidad Cultural. Embajador.

RÉSUMÉ

PUGA, Beatriz; HUNGERBÜHLER, Gabriela. **L'étudiant de Langues Étrangères Appliquées aux Négociations Internationales en échange comme ambassadeur de l'identité culturelle brésilienne.** 2019. 76 pages. Trabalho de Conclusão de Curso – Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

Notre recherche a été élaborée principalement à partir de nos expériences personnelles en relation avec le thème et de la nécessité de produire un travail d'analyse d'une expérience riche de la vie universitaire: l'échange. Les concepts théoriques de l'identité culturelle, de la diplomatie et de la mobilité académique internationale ont été les principales bases théoriques du travail. Nous avons utilisé la méthode d'analyse de contenu pour extraire des entretiens narratifs menés avec des étudiants du programme de licence en Langues Étrangères Appliquées aux Négociations Internationales du CEFET/RJ sur le rôle qu'ont joué des représentants, ou des "ambassadeurs", du Brésil pendant leurs périodes d'échange.

Mots clés: Langues Étrangères Appliquées aux Négociations Internationales. Échange. Identité Culturel. Ambassadeur.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 BASE TEÓRICA	16
2.1 IDENTIDADES CULTURAIS	16
2.2 DIPLOMACIA, DIPLOMATAS E EMBAIXADORES	21
2.3 MOBILIDADE INTERNACIONAL ACADÊMICA	24
3 CONTEXTO	27
3.1 LEANI.....	27
3.2 ASSESSORIA DE CONVÊNIOS E RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO CEFET/RJ - ASCRI	28
3.3 INTERCÂMBIO PARA ALUNOS LEANI	29
4 NOSSAS NARRATIVAS.....	30
4.1 BEATRIZ PUGA DOS SANTOS	30
4.2 GABRIELA HUNGERBÜHLER.....	35
5 ENTREVISTAS.....	42
5.1 ANÁLISE CATEGORIA PRECONCEITO E CULTURAS	43
5.1.1 Relação Com Outros Intercambistas	43
5.1.2 Relação Com Nativos.....	44
5.1.3 Preconceitos Com Relação Ao Brasil	46
5.2 ANÁLISE CATEGORIA COMUNIDADE BRASILEIRA	48
5.2.1 A “bolha” Brasileira	48
5.3 ANÁLISE CATEGORIA ESTEREÓTIPOS E DESCONSTRUÇÃO.....	50
5.3.1 Estereótipos	50
5.3.2 Estereótipos Em Relação Ao Brasileiro E Desconstrução	53
5.3.3 Reações Pós-interação Com O Intercambista Leani	55
5.3.4 Reflexões Pessoais Durante O Intercâmbio Sobre O Brasil	55
5.4 ANÁLISE CATEGORIA USO DAS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS	57
5.4.1 Influência De Uma Língua Na Vivência Do Intercâmbio.....	57
5.5 ANÁLISE CATEGORIA HÁBITOS E ADAPTAÇÃO	59
5.5.1 Adaptação Ao País Destino e Alimentação.....	60
5.6 ANÁLISE CATEGORIA RETORNO AO BRASIL	62
5.6.1 Readaptação	62
5.7 ANÁLISE CATEGORIA O PAPEL DE “EMBAIXADOR BRASILEIRO”.....	63
5.7.1 Situações Nas Quais Se Sentiram Nesse Papel	64
5.7.2 Exercício Não Proposital Do Papel De Embaixador.....	64
6 CONCLUSÃO.....	67
REFERÊNCIAS.....	70
APÊNDICE A - Roteiro da Entrevista	74

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho intitulado “O intercambista LEANI como embaixador da identidade cultural brasileira no exterior” apresentamos a nossa pesquisa, que aborda as bases e motivações que moldaram o tema, muito relacionadas à nossa formação como graduandas e também como futuras profissionais de um recente curso de nível superior, o Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEANI) do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ) .

Optamos por uma pesquisa narrativa, já que o tema escolhido está profundamente ligado aos aspectos que se mostraram mais relevantes durante nossos anos de estudo e às experiências que vivenciamos nesse mesmo período. Além de reunir narrativas de outros intercambistas, as nossas próprias também constituem uma das principais motivações para este estudo. Portanto, a escolha por esse modelo de pesquisa, mais uma vez, se justifica, já que a relação entre pesquisa e pesquisadoras permeou toda a fase de concepção do projeto.

Por meio de entrevistas, que possibilitaram uma análise documental, e das reflexões teóricas a respeito das nossas próprias narrativas, elaboramos um trabalho com o objetivo de agregar significado pessoal e acadêmico sobre o que é o intercâmbio estudantil e o resultado de suas trocas culturais, além de fomentar a difusão de projetos que utilizam material humano como principal objeto de análise.

As teorias identitárias e culturais assimiladas nos primeiros anos de estudo, o intercâmbio estudantil internacional e a prática do estágio supervisionado na Assessoria de Convênios e Relações Internacionais do CEFET/RJ (ASCRI) representam a composição da nossa identidade como acadêmicas e futuras profissionais. Por isso, o estudo está mergulhado em nossas experiências durante os anos de formação, que se fundiram em um trabalho de conclusão de curso.

Buscamos agregar credibilidade ao trabalho por meio da inclusão de referências de autores renomados sobre os temas que circundam as práticas aqui documentadas e também com a discussão, o debate e a reflexão sobre as experiências que auxiliaram nosso aprendizado. Tais experiências se tornaram marcantes durante a nossa caminhada na vida universitária. Nesse sentido, nos pareceu muito pertinente colher novos aprendizados e deixar um legado para trabalhos futuros, compartilhando momentos que nos marcaram de forma pessoal como universitárias e como intercambistas.

Nosso trabalho se propôs a ser mais uma produção acadêmica sobre áreas de estudo relacionadas ao LEANI, aumentando e fomentando os trabalhos com esse viés, sendo

inclusive um conteúdo focado na vivência de alunos do curso. Dessa forma, buscamos contribuir, dentro dos limites de um Trabalho de Conclusão de Curso, para um melhor entendimento da identidade desse bacharelado.

Depois dos anos iniciais da graduação, focados nos estudos de identidades culturais, desenvolvemos um olhar mais crítico a respeito das relações sociais que nos cercam. Por esse motivo, durante nosso período de intercâmbio, a materialização das teorias discutidas em sala de aula se tornou evidente, despertando uma atenção aos choques culturais vividos por nós mesmas. O trabalho é, portanto, uma forma de documentar nossas próprias reflexões.

Além disso, levando em consideração nossa experiência de estágio na ASCRI, pudemos participar do processo administrativo que antecede a mobilidade internacional, o que despertou o nosso interesse por essa prática enquanto objeto de estudo. Essa proximidade com diversos intercambistas gerou uma curiosidade a respeito das dinâmicas identitárias vivenciadas por eles.

Todas essas justificativas - disciplinas de identidades culturais, vivência acadêmica internacional e experiência de estágio na ASCRI - resultaram no direcionamento desta pesquisa, sendo ideal a combinação das três para produzirmos o presente trabalho com os objetivos centrais apresentados abaixo:

- Entender as dinâmicas identitárias envolvidas no processo de intercâmbio;
- Verificar como é exercida a representação de seu curso, instituição, cultura e país por parte do aluno intercambista;
- Identificar possíveis estereótipos sobre os brasileiros percebidos pelos entrevistados.

Para alcançar tais objetivos, optamos pela entrevista como ferramenta de pesquisa. A entrevista foi selecionada como a forma mais viável de obter dados variados e consistentes dos estudantes sobre as suas experiências de intercâmbio. Também cabe ressaltar a relevância das entrevistas, que, por vezes, são reduzidas a uma sequência de perguntas e respostas. Entretanto, podem ser consideradas um gênero de conversa, uma reprodução de situação cotidiana na qual pessoas interagem e constroem significados e identidades dentro de um contexto específico (BASTOS e SANTOS, 2013). A oportunidade de estabelecer uma conexão comunicativa com os estudantes selecionados para o estudo culminou em narrativas enriquecidas pelas interações identitárias, sociais e culturais.

De acordo com as diferentes maneiras de praticar e de utilizar os dados gerados pelas entrevistas, em nossa pesquisa, nos distanciamos de perspectivas positivistas que reduzem a entrevista a um instrumento de extração de fatos. Consideramos os vieses emocionalista, no

qual “as entrevistas são vistas como momentos de reflexão sobre o outro, e há uma grande preocupação em estimular uma relação forte entre os participantes do evento” (ROLLEMBERG, 2013, p. 38) e construcionista, que entende que “os significados construídos nas entrevistas também promovem a (re)construção da realidade na qual os participantes estão inseridos” (GUBRIUM e HOLSTEIN, 1997 apud ROLLEMBERG, 2013, p. 39).

Compactuamos com a noção de interatividade dentro das entrevistas e visamos à construção conjunta de significados, utilizando perguntas abertas no intuito de permitir uma maior participação do entrevistado, tanto no curso da conversa quanto no conteúdo que foi extraído.

Optamos pelo método da entrevista semi-estruturada que, segundo Cannel e Kahn (1974), deve ser composta por tópicos gerais a serem abordados com os entrevistados. Adotando esse formato de entrevista conseguimos manter a flexibilidade das questões e permitir que a conversa fluísse de forma mais espontânea, focando na expressividade dos entrevistados com relação aos temas discutidos (ALVES e SILVA, 1992).

Para situar o estudante entrevistado, iniciamos a conversa explicando a justificativa e motivação da nossa pesquisa, trazendo o aluno para o contexto do trabalho de forma que compreendesse o lugar que a sua fala ocuparia nele. Após essa introdução, fizemos uma pergunta aberta, fomentando a independência por parte do entrevistado na formulação de sua narrativa.

Quando mencionamos narrativa, assim como Mishler (1999), entendemos que o termo pode ser considerado um conceito “guarda-chuva”, já que é capaz de abordar diversas perspectivas (SANTOS, 2013). No entanto, escolhemos como referencial o conceito de Liliana Cabral Bastos, que além de reconhecer os pontos-chave para identificação de uma narrativa (ponto, reportabilidade e avaliação¹) já propostos por autores clássicos da área como o sociolinguista estadunidense William Labov, explicita que “a narrativa passa a ser vista como uma construção social e não mais como uma representação do que aconteceu” (BASTOS, 2004, p.121). Outro aspecto interessante da teoria da autora é a relação entre narrativa e identidade, já que a mesma entende que “tais construções se constituem também

¹ “O ‘ponto’ da narrativa é sua razão de ser, é o motivo pelo qual ela é contada, o que está contido em sua mensagem central [...] Além de ter um ponto, a narrativa deve ser contável, isto é, deve fazer referência a algo extraordinário. Acontecimentos banais e previsíveis não se prestam a ser contados, não têm reportabilidade. [...] O ponto da narrativa, assim como sua reportabilidade, são normalmente indicados pelo que Labov denominou de avaliação, ou seja, o componente da narrativa que contém informação sobre sua carga dramática, seu clima emocional.” (BASTOS, 2004, p.119).

em performances identitárias, na medida em que nelas são construídos os sentidos que os narradores têm de quem são.” (BASTOS, 2004, p.122).

Nesse sentido, isso se aplica tanto às falas dos participantes da pesquisa, quanto às nossas próprias narrativas da experiência vivida no exterior, que também acrescentamos, já que o intercâmbio foi a nossa principal motivação e é o contexto sobre qual a pesquisa se arquitetou, possuindo, então, um forte vínculo com as nossas identidades individuais.

Durante as entrevistas, nos apoiamos em um roteiro (cf. Apêndice A), no qual estavam listados temas gerais, apenas com o intuito de mantermos o controle das temáticas de interesse para análise e também para conduzir o entrevistado durante a conversa e seus possíveis direcionamentos, quando necessário. Desta forma, além de garantir que todos os tópicos de maior interesse para o trabalho fossem discutidos, também extraímos o máximo dos assuntos que os participantes trouxeram à tona.

Para a estruturação desse “roteiro de apoio”, como resolvemos denominá-lo, foi fundamental ter vivido a experiência da mobilidade internacional, pois tínhamos conhecimento dos temas que gostaríamos de tratar com os participantes convidados. Por isso, vale ressaltar que a peculiaridade de nossa pesquisa se encontra, justamente, no fato de que cada indivíduo, devido a sua formação e contextos nos quais foi inserido durante o seu desenvolvimento, proporcionou diferentes análises, variadas visões de mundo e distintas respostas a situações ligeiramente parecidas.

As informações pessoais selecionadas sobre os entrevistados e inseridas no trabalho somente dizem respeito a dados que foram relevantes para o estudo. Apenas o essencial para possibilitar a melhor análise das falas desses participantes foi mantido, sendo suas identidades e demais detalhes, por motivos éticos, ocultos das pautas do estudo.

Optamos por realizar uma análise de conteúdo das narrativas obtidas nas entrevistas de acordo com a metodologia de Laurence Bardin (2011)². Esse método exige dedicação e disciplina, já que a análise de conteúdo proposta pela autora transita entre objetividade, para que se estabeleça uma maneira eficiente e organizada de forma que nenhum dado se perca; e subjetividade, para que a riqueza das narrativas de cada participante seja mantida e utilizada em sua totalidade (SILVA e FOSSÁ, 2015). A análise categorial de Bardin (2011) nos serviu de inspiração, sendo adaptada em alguns aspectos às nossas necessidades mais específicas.

² “Laurence Bardin [...] é professora de Psicologia na Universidade de Paris V e aplicou as técnicas de Análise de Conteúdo na investigação psicossociológica e nos estudos das comunicações de massas.” (FARAGO, FOFONCA, 2012, p.1).

Nós utilizamos o roteiro de apoio como ponto de partida, levando em consideração pontos mencionados pelos participantes e os objetivos do trabalho para selecionar sete categorias iniciais. Destrinchamos as mesmas em subcategorias e destacamos as unidades de registro referentes a cada tópico, juntando as falas de todos os participantes de forma a possibilitar uma visualização sistêmica do conteúdo adquirido.

Em seguida, utilizando-nos da base teórica do trabalho e nossas experiências pessoais, discorremos sobre as semelhanças e diferenças nas narrativas dos participantes, além de identificar conexões com tópicos analisados pelos autores citados em nossa bibliografia.

Iniciamos o desenvolvimento do trabalho com a conceituação dos pontos-chave abordados no decorrer de nossa pesquisa de forma contextualizada: as identidades culturais, o conceito de embaixador e diplomacia e a internacionalização acadêmica. A nossa proposta foi mostrar como o nosso aprendizado de tais assuntos influenciou nossa pesquisa e, além da apresentação de autores conceituados nos campos de estudo em questão, demonstrar o nosso entendimento sobre os mesmos enquanto alunas de graduação.

O objetivo de nossa segunda etapa do desenvolvimento do trabalho foi possibilitar o entendimento do leitor sobre o sujeito de estudo, o aluno LEANI, por meio de uma breve apresentação do curso em si e da estrutura de mobilidade internacional do CEFET/RJ

Em seguida, cada uma de nós, autoras do trabalho, narrou a sua experiência em intercâmbio, buscando apresentar mais uma fonte para análise posterior. Além disso, como intrinsecamente estamos vinculadas ao assunto pesquisado, entendemos que a apresentação mais completa possível dessa vivência enriqueceu nosso trabalho sobremaneira.

As entrevistas foram analisadas no tópico seguinte sob a luz dos conceitos-chave apresentados no trabalho. Por fim, apresentamos nossas conclusões finais sobre a presente pesquisa.

2 BASE TEÓRICA

Quando decidimos o tema do nosso trabalho, selecionamos três assuntos chaves para construir a base teórica: identidades culturais, diplomacia e mobilidade internacional acadêmica. Sabemos que os três temas são bastante abrangentes e são tópicos de inúmeras discussões dentro da área de humanidades. Aqui destacamos apenas alguns pontos de vista de autores consagrados de cada área para auxiliar na construção da nossa análise de conteúdo, que se aplica às narrativas presentes no trabalho.

2.1 IDENTIDADES CULTURAIS

O tópico identidades culturais, além de ser fundamental para a conceituação do trabalho, também foi um fator motivador. Por alguns semestres da faculdade, cursamos uma disciplina voltada especificamente para tratar sobre os temas incluídos dentro dessa área de humanidades. Por meio dessa disciplina, tivemos contato com autores e teóricos que contribuíram e contribuem para que possamos refletir sobre questões de cunho social, que em sua maioria não ficam na “superfície”. É preciso se debruçar sobre os estudos de identidades culturais para entender a profundidade dos ensinamentos que eles carregam, tanto sobre as antigas sociedades, como também sobre a sociedade contemporânea.

Alguns dos termos que dizem respeito às identidades culturais serão de grande importância para o desenvolvimento deste trabalho. Por isso, discorreremos sobre alguns dos autores que nos apresentaram conceitos que serão incorporados nas próximas etapas do trabalho.³

Stuart Hall é um nome que não poderia deixar de ser mencionado quando se trata de identidade cultural. Além disso, nós, enquanto alunas, encontramos em seus escritos inspiração para definir nosso tema de estudo neste trabalho de conclusão de curso. Desta forma, optamos por trazer os conceitos de Hall como os principais para compreensão das identidades culturais e, mais especificamente, das identidades culturais nacionais, termo intimamente ligado ao nosso tema.

Primeiramente, o autor traz no livro “Da Diáspora” (2003) um breve resumo do histórico dos Estudos Culturais como disciplina. O início desses estudos se deu em meados da década de 1950, com duas obras que Hall considera marcantes para essa nova área de estudos: “As utilizações da cultura” (1973) e “Cultura e sociedade” (1969), de Hoggart e Williams,

³ Essas menções também ficam aqui gravadas como um reconhecimento pelo trabalho desses grandes teóricos e também como um agradecimento por todo nosso aprendizado até o momento.

respectivamente, que se propunham a ler a cultura da classe trabalhadora e constituir a tradição “cultura-e-sociedade”. Um pouco mais tarde, Hall menciona outra obra de Raymond Williams, “*The Long Revolution*” (1965), e classifica as três obras como a fissura da qual emergiram os Estudos Culturais (HALL, 2003). O escritor também explica que o estruturalismo do antropólogo Lévi-Strauss (1908-2009) ofereceu a essa nova ciência humana um paradigma que a tornaria científica e rigorosa (HALL, 2003).

Dando sequência ao conteúdo da obra “Da Diáspora”, podemos destacar aqui debates de suma importância para engrandecer a pesquisa, principalmente no aspecto analítico, pois estamos tratando sobre experiências de trocas culturais, cujas dinâmicas tanto foram teorizadas pelo autor como também vividas por ele. Dessa forma, podemos dizer que seu conhecimento parte da sua própria vivência, além da sua dedicação aos estudos.

Ainda que estejamos discutindo neste trabalho acerca de um deslocamento ao estrangeiro temporário, voluntário e, em sua maioria, com datas previstas para retorno, existem muitas questões a serem discutidas sobre essa mudança cultural. Hall (2003) debate de forma crítica questões que envolvem a diáspora, por exemplo, o significado de “pertencimento” nos tempos atuais, já que vivemos em uma era de globalização na qual existe um grande fluxo de migração constante, que afeta não só a identidade nacional, mas, logicamente, a nossa identidade individual. Quando não estamos em nossa “terra de origem” ainda somos capazes de manter uma conexão. No dizer de Hall (2003, p. 26), “tal qual ocorre comumente às comunidades transnacionais, a família ampliada - como rede e local de memória - constitui o canal crucial entre os dois lugares”.

A desigualdade social, o subdesenvolvimento e a falta de oportunidades motivaram e motivam inúmeros movimentos diaspóricos⁴ de grande parte da população mundial. Podemos considerar que esses fatores também exercem influência indireta sobre os estudantes que buscam por experiências no exterior.

Por conta das dificuldades estruturais nas instituições brasileiras, a dificuldade de encontrar emprego ao fim da graduação e a ideia de “prosperidade” oferecida em outros países, grande parte dos estudantes buscam uma vaga em programas de mobilidade internacional, notavelmente em países tidos como desenvolvidos. Ou seja, o imaginário de

⁴ Destacamos que temos consciência dos significados subjetivos que esse termo carrega. Por isso explicitamos que a nossa utilização dele no trabalho é pensando em seu sentido mais amplo, o de deslocamento de pessoas para fora de seu país de origem. Nosso objetivo não é comparar a mobilidade acadêmica com experiências decorrentes de perseguições políticas, étnicas e religiosas, ou seja, migrações forçadas, mas sim manter o foco na comparação que reside, como explicitado acima, na questão das trocas culturais, mais especificamente das culturas nacionais.

como seria a realidade de estudos e de empregabilidade em outros países gera um grande número de intercambistas por ano, viajando para diferentes países do globo.

Curiosamente, se tratando de mobilidade internacional acadêmica, segundo Teichler (2004) a mobilidade de estudantes era maior no século XVII, no contexto europeu, do que é hoje. O mesmo autor defende que aprender e pesquisar em outros países é uma das formas mais eficientes de se adquirir conhecimento e expandir horizontes (SOUZA, 2010). Hoje, além de uma maneira de aprender línguas estrangeiras ou atingir algum tipo de realização pessoal, o intercâmbio também é visto como uma estratégia de diferenciação no mercado de trabalho (NOGUEIRA, AGUIAR e RAMOS, 2008).

Entretanto, vale destacar que não nos limitamos a enxergar o intercâmbio somente como uma maneira de alavancar a carreira acadêmica e profissional, ou uma forma de diferenciação entre os universitários, mas sim como um instrumento para a formação de indivíduos e profissionais por meio do qual aprendem a lidar com as diversidades culturais. O intercâmbio pode ser considerado um investimento das instituições de ensino superior em seus estudantes que gera retornos positivos para todos os envolvidos: o aluno, a instituição de origem e a instituição de destino.

Quanto ao período em que o indivíduo se mantém em diáspora, Hall traz questionamentos ligados às “comunidades” expatriadas. Por exemplo, “que tipos de ‘comunidade’ esses indivíduos formam? Suas culturas são unificadas e homogêneas? Qual o seu relacionamento com a sociedade [...] majoritária? Quais são as estratégias mais adequadas para sua plena integração a essa sociedade?” (HALL, 2003, p. 65). Essas questões serviram de base para os objetivos da nossa pesquisa, já que tentamos entender se durante esse período no exterior, independente da sua duração, os estudantes foram capazes de identificar situações ligadas às interações interculturais que vivenciaram.

No contexto da adaptação de um indivíduo a uma nova cultura, também procuramos avaliar como se deu essa interação entre os estudantes brasileiros e/com os nativos dos respectivos países nos quais residiram e com intercambistas de outras culturas dissemelhantes à nossa e a do país de mobilidade.

Entendemos que em meio a um ambiente de diversidade cultural podem surgir ruídos de comunicação, pois essa perpassa não só o campo do entendimento de uma língua estrangeira, como também o filtro cultural, ou seja, a cultura interfere diretamente em como nós assimilamos determinados códigos (MENEGON, REIS e SARFATI, 2013). Além disso, visões pré-concebidas e categorizações com relação a um sujeito ou determinado grupo cultural podem afetar profundamente a interação comunicativa. Portanto, “o repertório de

cada um pode ser a base para a formação de estereótipos e preconceitos” (BLIKSTEIN, 2006 apud MENEGON, REIS e SARFATI, 2013, p. 59).

O estereótipo nada mais é do que uma ideia de conhecimento que se obtém sobre uma cultura, divergente da sua própria, mas que não corresponde à realidade e, tampouco, abrange a complexidade de tal cultura. Estereotipar revela uma constatação e ao mesmo tempo uma rejeição do que não lhe é semelhante. Portanto, o “estereótipo dá acesso a uma ‘identidade’ baseada tanto na dominação e no prazer quanto na ansiedade e na defesa, pois é uma forma de crença múltipla e contraditória em seu reconhecimento da diferença e recusa da mesma” (BHABHA, 1998, p.116).

O preconceito também constitui uma ideia de juízo pré-concebido e, quando manifestado especificamente com relação a um grupo, pode ser considerado uma discriminação, como, por exemplo, o racismo, o sexismo, homofobia e a xenofobia. Hall (2003) acreditava que a discriminação cultural era uma característica do multiculturalismo do mundo pós-moderno, já que “a crescente visibilidade das comunidades étnicas, junto com os movimentos por governos regionais mais autônomos, questionou a ‘homogeneidade’ da cultura”⁵ de vários países. (HALL, 2003, p.68).

Um outro questionamento muito interessante do autor, que nós colocamos em pauta durante as entrevistas com os estudantes, é sobre o retorno ao país de origem. A discussão gira em torno das adoções de posições de identificação dos intercambistas, no nosso caso. Em outros termos, estando em um país que não seja o nosso, adotamos aspectos da cultura estrangeira que, muitas vezes, passam a fazer parte da nossa identidade naquele país, e mesmo assim, ainda se mantêm os traços da cultura de origem. A curiosidade está nesse ponto: qual seria a reação daqueles que permaneceram no Brasil ao receber esse intercambista meio brasileiro/meio estrangeiro? Sem dúvidas, receberam um indivíduo “diasporizado” (HALL, 2003, 76).

Em uma entrevista publicada em seu livro, Hall (2003) explicou que esteve muitos anos longe da Jamaica, onde cresceu, porém passou tanto tempo na Inglaterra que os laços com seu país de origem foram se afrouxando aos poucos, dando lugar a um cidadão britânico: “Conheço intimamente os dois lugares, mas não pertenço completamente a nenhum deles” (HALL, 2003, p. 415).

⁵ Em sua obra “Da Diáspora” (2003), Hall utiliza a citação para se referir especificamente à Grã-Bretanha: “A crescente visibilidade das comunidades étnicas, junto com os movimentos por governos regionais mais autônomos, questionou a “homogeneidade” da cultura britânica e do “ser inglês” enquanto etnia, trazendo a questão multicultural para o centro da crise da identidade nacional.” Utilizamos a citação para complementar a nossa conceituação do termo *preconceito*, pois acreditamos que a afirmativa também pode se aplicar ao contexto de outras nações.

No livro “A Identidade Cultural na Pós-Modernidade” (2006), Hall explica a evolução do conceito de identidade com o passar dos tempos e o efeito de alguns momentos históricos na forma como os indivíduos entendiam e definiam suas identidades. Após análise do sujeito iluminista, com uma identidade única, completa e individual, passando pelo sujeito sociológico, com uma grande parcela de sua identidade ainda essencial mas influenciado pelas interações sociais para formação de seus valores, chegamos ao sujeito pós-moderno, fragmentado, e até mesmo em conflito, dadas as eventuais contradições de suas partes. A identidade do sujeito pós-moderno é definida por Hall como uma “celebração móvel” (HALL, 1987, p. 13), sendo, então, efêmera e mutável dadas as influências e interações culturais que nos rodeiam.

Cabe destacar que, para Hall, a cultura do país no qual nascemos seria nossa cultura “original”, a primeira parte das muitas que compõem a identidade cultural do sujeito pós-moderno. O autor explica que cultura nacional gera um sentimento de identidade e lealdade entre um grupo de indivíduos (SCHWARZ, 1986, p. 106 apud HALL, 2006). Por isso, “não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional” (HALL, 2006, p. 59).

Escolhemos adotar o conceito de identidade cultural do sujeito pós-moderno de Hall, porque entendemos que estamos em constante construção do nosso sentido de si e, dentre os fatores que nos influenciam nesse processo, a cultura nacional na qual nascemos é um dos principais (HALL, 2006). Além disso, a experiência de mobilidade internacional acadêmica pode ser interpretada como uma materialização das “[...] novas características temporais e espaciais, que resultam na compressão de distâncias e de escalas temporais, (e que) estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito sobre as identidades culturais” (HALL, 2006, p. 68).

Dentro do contexto de nosso trabalho, é importante entender em que medida as facilidades de locomoção possibilitaram um crescimento das mobilidades internacionais acadêmicas e o quanto essas experiências podem ser consideradas uma espécie de representação do mundo globalizado. Estamos submetidos o tempo todo a novas fontes que nos fazem refletir e questionar nossas identidades.

Desse modo, surgem identidades culturais em transição, resultantes do diálogo entre tradições culturais distintas e misturadas, consequências da globalização, que geram as novas identidades ou identidades híbridas (HALL, 2006, p.68 apud ALVAREZ, 2010, s. p.).

2.2 DIPLOMACIA, DIPLOMATAS E EMBAIXADORES

O tópico que aborda o viés diplomático passou a fazer parte da pesquisa a partir do momento no qual discutimos a importância que o aluno brasileiro no exterior atribui a sua instituição e ao seu país. Por meio dos intercambistas é que estudantes, professores, reitores e tantos outros profissionais estrangeiros do meio acadêmico podem, de certa forma, conhecer o Brasil.

Portanto, concordamos com a percepção que nos foi compartilhada por nossa orientadora: os estudantes intercambistas têm um papel na construção da identidade brasileira no exterior. Desde então, construímos toda a pesquisa em torno dessa ideia, pretendendo entender como o estudante LEANI em mobilidade acadêmica internacional se torna uma espécie de “embaixador” brasileiro no exterior.

Ao atribuir essa premissa ao trabalho, trouxemos aqui aspectos sobre a carreira diplomática e o papel de um verdadeiro embaixador em missão no exterior, para que possamos explicitar como será essa abordagem na nossa pesquisa.

Primeiramente, precisamos entender a origem da palavra diplomacia. Derivada do verbo grego “diplóo”, que significa dobrar ou submeter, as relações ditas ‘diplomáticas’ entre povos, territórios e, posteriormente, nações ocorre há centenas de anos. Todos os passaportes e passes de circulação das estradas no antigo Império Romano vinham impressos em placas dobradas de metal, denominados “diplomas”. O termo se estendeu aos documentos oficiais e não metálicos que continham privilégios ou acordos com comunidades ou tribos estrangeiras. “Debe recordarse que el uso de los términos “diplomacia” o “diplomático”, aplicándolos al estudio de los archivos sino a la dirección o manejo de las relaciones internacionales, es relativamente reciente”⁶ (NICOLSON, 1994, p. 31).

Entendendo um pouco a morfologia da palavra e sua trajetória de significação para a sociedade humana, chegamos a outras interpretações apresentadas por Nicolson para esse vocábulo, como sinônimo de política exterior e designação de negociação. Porém, consideramos uma das suas interpretações como imprescindível e esclarecedora para o trabalho, que é a de que diplomacia é “una cualidad o don abstracto que en su sentido más favorable implica habilidad en la conducción de la negociación internacional [...]”⁷ (NICOLSON, 1994, p. 18).

⁶ “Debe-se recordar que o uso dos termos ‘diplomacia’ ou ‘diplomático’, aplicados ao estudo dos arquivos senão a direção ou manejo das relações internacionais é relativamente recente.” (Tradução nossa).

⁷ “[...] Uma qualidade ou um dom abstrato que em seu sentido mais favorável implica habilidade na condução da negociação internacional [...]” (Tradução nossa).

Tomando essa diretriz, pretendemos identificar características dos estudantes LEANI que viveram um período de intercâmbio no exterior, dentro dos limites de nossa formação direcionada às negociações internacionais e também pelas vivências das quais os participantes da pesquisa foram sujeitos durante o período de estudos fora de nosso país. Quando citamos características, desconsideramos os deveres e direitos de um diplomata em pleno exercício de suas funções, pois isso implicaria na formação de um profissional pelo Instituto Rio Branco, sua admissão para qualquer cargo ligado ao Ministério das Relações Exteriores e também todo o conhecimento adquirido durante seus anos de estudos específicos. Nosso objetivo no trabalho é entender como o intercambista exerce a representação da sua nação de origem e se, durante a sua estada em uma nação estrangeira, ele se coloca no “papel” de embaixador brasileiro em quaisquer situações, focando nos sentidos construídos contextualmente por esses indivíduos que podem ter ligação aos traços subjetivos de um diplomata de carreira. Dentro desses traços, podemos ressaltar algumas características citadas por Nicolson (1994), que são, por exemplo, manter a calma ao se confrontar com alguma opinião considerada estúpida ou ignorante, e fugir de animosidades, predileções pessoais e preconceitos:

Tales son, pues, las cualidades de mi diplomático ideal: verdad, exactitud, calma, paciencia, buen carácter, modestia y lealtad. Son también las cualidades de una diplomacia ideal. “Con todo - puede objetar el lector - ha olvidado usted la inteligencia, los conocimientos, el discernimiento, la prudencia, la hospitalidad, el encanto personal, la destreza, el valor y hasta el tacto.” En modo alguno las he olvidado. Las doy por supuestas”. (NICOLSON, 1994, p.115)⁸

Bem como o representante diplomático, ao ingressar em suas funções no país estrangeiro, o estudante do CEFET/RJ interessado no intercâmbio passa por um processo semelhante ao de um representante diplomático ao ingressar em suas funções em um novo país. Por exemplo, o estudante será submetido à aprovação da instituição estrangeira, que comunicará a aceitação desse aluno estrangeiro diretamente à instituição brasileira, assim como os diplomatas também precisam da autorização do responsável pelas Relações Exteriores do país no qual pretendem residir e iniciar suas atividades como diplomata ou como embaixador oficial. Vale acrescentar que ambos estão submetidos à avaliação sobre a sua adequação à vaga que irão preencher e também à possível rejeição de suas candidaturas (NICOLSON, 1994). Uma vez selecionado e estando no exterior, as características citadas devem prevalecer quando situações adversas surgirem durante o intercâmbio.

⁸ “Estas, portanto, são as qualidades do meu diplomata ideal. Veracidade, precisão, calma, paciência, bom humor, modéstia e lealdade. Estas são também as qualidades da diplomacia ideal. ‘Mas - o leitor pode objetar - você esqueceu inteligência, conhecimento, discernimento, prudência, hospitalidade, encanto, diligência, coragem e até mesmo tato’. Não os esqueci. Apenas os aceitei como certos” (Tradução nossa).

Por termos sido introduzidas a ideias pertencentes a um embaixador mexicano em missão diplomática por alguns anos no Brasil na Primeira Era Vargas, Alfonso Reyes, não poderíamos nos furtar à oportunidade de citá-lo e levantar uma discussão sobre traços que poderiam criar uma ponte entre um embaixador brasileiro e um intercambista LEANI.

Reyes, além de um embaixador a serviço do México, também era escritor. Era um homem considerado letrado na época e, por isso, foi recrutado para o serviço diplomático mexicano, já que o governo apostava em profissionais preparados e prudentes para representar o país no exterior (NORTE, 2013, p. 24). Foi nesse contexto, que Reyes foi enviado ao Brasil em missão diplomática em 1930. Através de seus escritos, também pudemos explorar os dilemas e complexidades do trabalho de um diplomata em missão no estrangeiro e sua visão a respeito do valor dos jovens para a construção de um mundo melhor e mais harmônico.

Os anos durante os quais residiu no Brasil possibilitaram a desconstrução de estereótipos e conceitos preconcebidos, fazendo com que o diplomata conseguisse enxergar a natureza diplomática inerente ao povo brasileiro. Em um trecho de uma de suas obras, Alfonso Reyes relata a sua visão sobre o Brasil após residir no país:

“Yo había oído decir mucho bien y mucho mal de esta tierra. Más bien que mal. El bien se refiere a su espléndida naturaleza y a la general dulzura de su gente. El mal, a cierto carácter escurridizo que se advierte en el trato, cierta aparente hipocresía disimulada bajo extremos cortesés. La suerte me ha proporcionado la ocasión de ponderar por mí mismo estas medidas.”⁹ (REYES, 1970, p.72 apud NORTE, 2013, p.41).

O entendimento de Alfonso Reyes sobre o nosso país retrata, inicialmente, um estranhamento devido ao choque cultural. E, posteriormente, no decorrer do período no qual residiu aqui, o diplomata passou a nutrir uma profunda admiração por nossa cultura e imenso respeito pelo nosso povo. Reyes considerou o brasileiro como diplomata nato, baseado não somente em características comportamentais como a simpatia, passividade e aversão à violência, mas também na concepção da mestiçagem biológica e cultural, “que culminou, segundo ele, na formação de um homem superior” (NORTE, 2013, p.86). E por exaltar constantemente a simpatia e o espírito pacificador de nosso povo, fez com que o Brasil adquirisse a reputação de um país negociador da paz (NORTE, 2013)¹⁰.

Estariam os estudantes do LEANI reforçando essa imagem durante seus intercâmbios acadêmicos? Até porque, de acordo com as ideias de Reyes:

⁹ “Eu havia escutado falar muito bem e muito mal desta terra. Mais bem do que mal. Falam bem do que se refere a sua esplêndida natureza e à doçura geral de sua gente. Falam mal de certo caráter escorregadio que se nota por meio do trato, uma aparente hipocrisia dissimulada. A sorte me proporcionou a ocasião de ponderar por mim mesmo estas medidas.” (Tradução nossa).

¹⁰ “Pode-se dizer que neste país o diplomático completo é uma aparição espontânea [...] Assim, pois, o Brasil, nação diplomática, realiza bem sua sina de coordenação e de paz.” (REYES apud ARCINIEGA, 2001, p.170).

Son las juventudes universitarias las que se sacuden a un tiempo con el entusiasmo o la inquietud de una sola; son las revistas literarias escritas por gente de veinte años que se inclina anhelosamente hacia el espectáculo del pueblo vecino; son los muchachos sin experiencia pero llenos de adivinación; son los soñadores.¹¹ (REYES, 1958, p. 158).

Talvez seja esse o grande desafio para o estudante LEANI em intercâmbio: mostrar as qualidades do Brasil e buscar alternativas para estabelecer relações internacionais de forma pacífica e harmônica.

Embora tenhamos consciência de que alguns dos autores estudados nas aulas de identidades culturais, como, por exemplo, Sérgio Buarque de Holanda, que, em *Raízes do Brasil* (1995), por exemplo, atribuíram às influências de diferentes culturas a formação de um povo brasileiro preguiçoso e acomodado, escolhemos inserir esse autor mexicano pois suas ideias refletem nossas opiniões sobre a imagem do brasileiro no exterior. Inclusive, por termos estagiado na ASCRI, por diversas vezes ouvimos o reconhecimento da criatividade e outras características positivas dos estudantes brasileiros¹².

Essas leituras também constituíram a base para a análise das narrativas adquiridas por meio das entrevistas, nos permitindo buscar os atributos de um embaixador ou de um diplomata enviado para representar o seu país em missões pelo mundo em nossos entrevistados, e também identificar esses traços em nossas próprias experiências.

2.3 MOBILIDADE INTERNACIONAL ACADÊMICA

O tópico sobre mobilidade internacional auxilia a compreender como se dão as relações entre instituições, e como essas trabalham para estabelecer parcerias internacionais e proporcionar oportunidades acadêmicas de estudo para alunos, professores e demais profissionais da educação superior.

A mobilidade internacional é mais uma das etapas presentes no processo de internacionalização das instituições de ensino superior ao redor do mundo. Atualmente, compreendemos que a cooperação entre universidades de diferentes países e seus respectivos programas de intercâmbio se intensificaram com o fenômeno da globalização.

¹¹ “São as juventudes universitárias que se agitam há um tempo com o entusiasmo ou a inquietude de uma só; são as revistas literárias escritas por gente de vinte anos que se inclinam ansiosamente em direção ao espetáculo do povo vizinho; são os jovens sem experiência porém cheios de adivinhações; são os sonhadores.” (Tradução nossa).

¹² Após o término do programa Ciência sem Fronteiras, em julho de 2016, representantes de muitas universidades relataram a falta que os estudantes brasileiros fazem em seus campi. A Saint Martin’s University, por exemplo, oferece isenção da taxa de matrícula para 4 alunos do CEFET/RJ anualmente para garantir a presença brasileira.

Antes de focarmos em como o intercâmbio se desenvolveu na prática, para nós pesquisadoras e para os participantes do estudo, e antes de entrarmos na discussão sobre a sua importância e complexidade, precisamos destacar como a mobilidade internacional e as atividades acadêmicas ligadas a ela foram incorporadas à dinâmica educacional das instituições de ensino superior.

O intercâmbio, muito mais do que uma oportunidade relevante no currículo de um universitário, também pode colocá-lo em um patamar diferenciado daqueles que não conseguem realizá-lo. Por isso, Nogueira (1998; 2008) esclarece que no momento em que ocorre a “democratização” do acesso à educação superior, aqueles que antes se diferenciavam observaram seus títulos se tornarem desvalorizados, já que agora a grande maioria pode possuí-los. (AMORIM, 2012). Portanto, em certo ponto, percebemos que a intensificação dos movimentos de migração temporários para intercâmbios estudantis no exterior foi uma espécie de estratégia para garantir o destaque de certos membros da comunidade universitária.

Observando o intercâmbio como uma estratégia de diferenciação da formação de certos estudantes, também discutimos suas motivações e objetivos. Roberto DaMatta descreve o pensamento do brasileiro como “colonizado” por conta do imaginário que se estabeleceu em nossa sociedade de que “o ‘lá fora’ é o local onde tudo de bom acontece [...]; ao passo que o ‘aqui dentro’ é o centro desinteressante de rotinas e práticas primitivas, atrasadas ou, como se dizia no meu tempo de estudante universitário, ‘subdesenvolvidas’” (DAMATTA, 2005, p. 57).

Mas a partir da releitura do que foi apontado por DaMatta (2005) é que tivemos por objetivo demonstrar como esse pensamento pode ser revertido por meio da própria experiência do intercâmbio. Nossa pesquisa pretendeu mostrar que o contato com o estrangeiro também pode nos ajudar a valorizar mais o que temos na sociedade brasileira, inclusive características do nosso próprio sistema educacional. Ou seja, durante o período do intercâmbio, o estudante brasileiro pode ter a oportunidade de desconstruir o “complexo de vira-latas”¹³ que levamos anos internalizando.

O nosso trabalho objetivou demonstrar a importância de um intercâmbio estudantil tanto na formação acadêmica como também na formação do cidadão. Propusemo-nos a destacar os aspectos que baseiam o que é fundamental para nós durante o período no exterior, que são as trocas de conhecimento e a compreensão intercultural entre estudantes universitários (MERÇON, RODRIGUES e SANTOS, 2012).

¹³ “Por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo.” (RODRIGUES, 2014).

Além do aspecto cultural, que foi um dos pilares na concepção deste trabalho, tivemos que registrar a importância do processo de internacionalização para uma instituição universitária e como o posicionamento dessa pode criar múltiplas e cada vez mais oportunidades para que seus alunos se desenvolvam e busquem novos aprendizados por meio da mobilidade internacional. Levando em consideração que a internacionalização visa, segundo Van Damme (2001), garantir a qualidade das instituições para as quais enviará seus alunos, existe um propósito de reciprocidade no qual todos podem ser beneficiados, tanto universidades quanto estudantes (VAN DAMME, 2001, p.436-438 apud SOUZA, 2010).

3 CONTEXTO

Percebemos a necessidade de incluir um tópico de contexto para realizar uma breve apresentação do nosso sujeito de estudo, o aluno do Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais do CEFET/RJ. Com o objetivo de tornar o conteúdo de nosso trabalho acessível a um leitor que desconheça nossa formação, decidimos explicar o LEANI e apresentar, também, a estrutura responsável pela mobilidade internacional de nossa instituição, a Assessoria de Convênios e Relações Internacionais - ASCRI. Acreditamos que essas contribuições teóricas permitirão uma leitura mais fluída de nossas narrativas e das análises das entrevistas, já que esses pontos (LEANI e ASCRI) foram essenciais para nossa pesquisa e permeiam todo o trabalho.

3.1 LEANI

A formação em Línguas Estrangeiras Aplicadas (LEA) nasceu em 1990 na Universidade de La Rochelle, França. O curso existe até hoje na instituição e “permite que os estudantes adquiram conhecimentos sólidos não só para que dominem duas ou três línguas estrangeiras, mas também para que desenvolvam competências indispensáveis para integrar o mundo do trabalho e o empresarial, particularmente.” (Université de La Rochelle, tradução nossa)¹⁴.

Os alunos podem escolher focar seus estudos na Ásia-Pacífico ou na América Latina. Esta última opção foi a que inspirou a criação do curso de Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais (LEA-NI), em 2002, na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) na Bahia. Em seguida, sete anos depois, o curso de igual teor foi criado em João Pessoa, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Em 2011, o Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação foi criado na Universidade de Brasília (UnB), seguindo um caminho diferenciado dos antecessores.

No Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca do Rio de Janeiro (CEFET/RJ), o curso foi apelidado de LEANI, com o viés das negociações internacionais. A formação surgiu em 2014 com a intenção de possibilitar que o acadêmico do curso:

¹⁴ "De ce fait, la formation LEA permet aux étudiants d'acquérir de solides connaissances non seulement pour maîtriser deux à trois langues, mais aussi pour développer des compétences indispensables pour intégrer le monde du travail et celui de l'entreprise en particulier." (Site de la Université de La Rochelle).

[...] desenvolva o conhecimento de três línguas estrangeiras (inglês, espanhol e francês), de suas respectivas culturas, de políticas linguísticas e de saberes do mundo corporativo (sic) (mediante contato com conhecimentos advindos da Administração, Economia, Direito, Turismo e Negociações Internacionais). O objetivo do curso acaba sendo a formação de um profissional conhecedor de diferentes culturas e questões organizacionais. (NORTE e SILVA JÚNIOR, 2018, s.p.)

Nós duas ingressamos no LEANI nesse mesmo ano, integrando a primeira turma da formação em toda a região sudeste do Brasil. Cerca de um terço do grupo chegou ao quarto ano da formação, uma vez que parte dos alunos desistiu ainda no primeiro ano, receosos quanto ao pioneirismo do curso e possíveis dificuldades de inserção no mercado de trabalho. Tais questões são muito relevantes, mas não são o foco do nosso trabalho.

O que nós, enquanto alunas que chegaram à etapa final do curso, podemos relatar com propriedade é o quanto a nossa grade curricular multidisciplinar contribuiu para a nossa formação enquanto pesquisadoras com senso crítico apurado e noções culturais aprofundadas. E, graças a esses pontos, conseguimos enxergar em nossas vivências pessoais durante a mobilidade internacional um assunto relevante a ser discutido em nosso trabalho de conclusão. Esse tópico une o conteúdo estudado no decorrer da graduação às percepções que fomos capazes de ter graças à nossa formação identitária, também fortemente influenciada pelo LEANI e por todas as experiências possibilitadas pelo CEFET/RJ.

3.2 ASSESSORIA DE CONVÊNIOS E RELAÇÕES INTERNACIONAIS DO CEFET/RJ - ASCRI

Enquanto estudantes do CEFET/RJ e estagiárias da ASCRI, pudemos entender melhor como a cooperação internacional se desenvolve na prática, além de conhecer os resultados advindos da experiência do intercâmbio estudantil em si. A estrutura do CEFET/RJ proporciona aos seus alunos um ambiente de convivência multicultural, pois recebe estudantes de vários países, além de conceder um número de bolsas para intercâmbio estudantil por semestre letivo, investindo no desenvolvimento dos estudantes brasileiros. As bolsas – um valor total de R\$ 738.000,00 anuais – também são utilizadas para financiar diversos tipos de atividades discentes no exterior (cursos de língua espanhola, auxílio aos estudantes vencedores de projetos nacionais em disputas internacionais, ajuda a estudantes em estágio e/ou pesquisa em universidade parceira e projetos apresentados por professores com participação estudantil). Dessa forma, o centro educacional estabelece novos conhecimentos

e, além de desenvolver-se do ponto de vista científico, também adiciona a sua contribuição à educação dos povos para uma vida de progresso harmônico e pacífico (SENHORAS, 2006).

Em 2018, a ASCRI selecionou e enviou 86 alunos para o exterior, dentre eles 17 alunos do ensino médio técnico para participação em um intercâmbio cultural de uma semana em Portugal e os demais para mobilidades internacionais de duração de 6 meses ou 1 ano, no caso dos programas de dupla diplomação. São quase 50 acordos internacionais assinados com instituições de ensino superior em todo o mundo e todo semestre são lançados ao menos dois editais para processos seletivos de bolsas auxílio.

3.3 INTERCÂMBIO PARA ALUNOS LEANI

Como o LEANI no CEFET/RJ teve sua primeira turma em 2014, apenas dois anos depois os alunos estariam aptos a se candidatarem a vagas de intercâmbio, segundo os pré-requisitos padrão dos editais de seleção para bolsistas de mobilidade da ASCRI. Além disso, inicialmente não havia acordos de cooperação bilateral que pudessem englobar os alunos da graduação.

Entretanto, graças a uma formação similar no Instituto Politécnico de Bragança, foi aberto o primeiro edital com vagas para alunos LEANI ainda em 2015. No primeiro semestre de 2016, foi lançado o primeiro edital para a Universidade de *La Rochelle*, na qual nasceu o primeiro curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas. O acordo com esta instituição foi assinado exclusivamente para os alunos de LEANI.

Hoje, também é possível ir para os Estados Unidos, para a *Saint Martin's University*, e para a Espanha, para as universidades de *Jaén* e *Valladolid*, em mobilidade internacional promovida pela ASCRI ou com bolsa fornecida pelo programa Santander Universidades. Além dessas oportunidades, existem os processos seletivos organizados pela Rede das Assessorias Internacionais das Instituições de Ensino Superior do Rio de Janeiro (REARI-RJ), da qual a ASCRI faz parte, devido ao seu acordo com a rede UTRECHT, formada por universidades europeias com o objetivo de promover a internacionalização de forma cooperativa.

As ofertas de vagas desse último acordo variam a cada ano, podendo incluir os alunos de LEANI, ou não, em seleções para intercâmbio em instituições de diversos países, como para a Universidade de *Lille*, na França, por exemplo.

4 NOSSAS NARRATIVAS

Ao decidir nosso tema e metodologia para este trabalho de conclusão, percebemos que inevitavelmente nossa própria vivência de intercâmbio teria algum efeito em nossa maneira de analisar o conteúdo das entrevistas realizadas. Afinal, “na Pesquisa Narrativa, os participantes e o pesquisador são compreendidos como co-construtores e como co-agentes envolvidos na construção da pesquisa” (ARAGÃO, 2008, p. 298). Então, ao invés de mantermos nossa experiência para nós mesmas e tentarmos nos distanciar do tema, escolhemos fazer o oposto.

Concluimos que ao trazer narrativas sobre nossas mobilidades internacionais estaríamos enriquecendo nosso trabalho, pois teríamos mais uma valiosa fonte de análise. Além disso, também tivemos a oportunidade de demonstrar as origens dos questionamentos que se tornaram os objetivos do presente trabalho. Dessa forma, eis aqui nossas considerações em primeira pessoa do singular, em uma tentativa de acrescentar percepções ao tema a ser desenvolvido.

4.1 BEATRIZ PUGA DOS SANTOS

O meu intercâmbio foi incrível. Eu sempre pensei em como seria viver em outro país, longe de tudo o que eu já conhecia e sair da minha “bolha”: meu país, minha família, meus amigos. Eu queria descobrir como seria estar fora desse contexto de pessoas e lugares que já eram tão familiares para mim.

Eu confirmei esse desejo por viajar e por viver de fato em outro país depois da minha primeira viagem internacional, que foi uma visita de uma semana à cidade de *Buenos Aires* com a minha turma da faculdade. Naqueles sete dias, eu entendi que tudo o que eu queria fazer teria que envolver viagens, conhecer novas pessoas, aprender tudo o que eu podia saber sobre outras culturas, viver uma imersão em uma nação que não fosse a minha. A partir daí, eu já sabia que ia tentar qualquer oportunidade que aparecesse para intercâmbio.

Eu me inscrevi no primeiro processo seletivo que ofereceu vagas de intercâmbio para o LEANI, no ano de 2015. Na época, o único instituto disponível para o curso era o Instituto Politécnico de Bragança (IPB), em Portugal. Eu preenchi uma das vagas e comecei o processo prévio para a viagem: emissão de passaporte, de visto e entrega de toda a documentação para a Assessoria de Convênios e Relações Internacionais do CEFET/RJ (ASCRI). Tudo para que nada estivesse fora do lugar quando chegasse o dia da viagem.

Acredito que a chegada ao país estrangeiro e o retorno para casa são os momentos mais perturbadores. Digo perturbadores, porque esses foram os dois momentos nos quais a minha mente produzia mais pensamentos por segundo. São tantas perguntas e questionamentos sem respostas nessas duas situações, sendo que todas essas respostas se encontram a um passo. Tão perto, já que só bastava entrar em uma aeronave e decolar, mas ao mesmo tempo tão longe, já que se tratava de um oceano de distância física.

Éramos três: eu e mais duas colegas do LEANI, também selecionadas para o IPB. A chegada foi bem cansativa, já que tivemos que pegar um metrô do aeroporto até o centro da cidade de Porto, andar da estação de metrô até a rodoviária, e, finalmente, pegar o ônibus até Bragança. Quando chegamos na cidade, o responsável pelo apartamento nos buscou na rodoviária e nos levou para a nossa nova “casa”. Quando volto a esse momento do intercâmbio, lembro que prestei atenção aos pormenores explicados pelo rapaz sobre o aluguel e sobre o funcionamento do apartamento, mas confesso que era o que menos me interessava naquele momento. Quando a gente chega é tudo novo! São tantos lugares para ir, pessoas para conhecer, eventos que surgem para você comparecer. É um turbilhão de novidades, e eu só tive vontade de fazer tudo ao mesmo tempo. Queria deixar as responsabilidades e burocracias para lidar depois.

É claro que a euforia vai passando com o tempo, e eu fui me habituando, me adaptando, até parecer que eu sempre vivi naquele lugar, cercada por todas aquelas pessoas. A rotina, para mim, apareceu, mais ou menos, depois de uns dois meses morando fora. Depois desses dois meses, o meu olhar sobre tudo já havia mudado, e o meu comportamento também. Àquela altura, eu já tinha a minha escala de afazeres de casa e da faculdade, já sabia andar pelas ruas da cidade, conhecia os supermercados pelo nome, já havia construído um círculo de amizades. Mas foi justamente depois desse momento de ajuste, seguido desse momento de normalidade rotineira, que começou a vir a saudade, uma certa nostalgia e a vontade de voltar.

Por estar longe da família e fora de casa, normalmente você precisa começar a aprender certas atividades que você não fazia antes, além de tomar decisões por conta própria. Mesmo com os avanços tecnológicos de comunicação atuais, não era possível ligar para a minha mãe ou algum amigo no Brasil para pedir um conselho ou perguntar o que eu deveria fazer diante de certa situação. Nos afazeres de casa, eu nunca fui uma pessoa de cozinhar, e nesse quesito eu tive sorte, já que o IPB (Instituto Politécnico de Bragança) oferecia refeição gratuita para os alunos do CEFET/RJ em intercâmbio, de segunda a sábado. No domingo, geralmente, ou eu comia fora com amigos ou fazíamos um macarrão em casa. Fora isso, eu já

tinha uma rotina de organização e limpeza, porque já dividia apartamento antes de viajar, ou seja, estava acostumada a partilhar o espaço e sabia quais eram as minhas obrigações.

A socialização foi um processo diferente. Houve poucos momentos na minha vida nos quais eu pude começar do zero: no colégio, quando tinha três anos de idade; na faculdade, ao ingressar no LEANI; e, por último, no intercâmbio. Eu conheci pessoas de todos os tipos, de diferentes lugares, etnias, culturas, opiniões, crenças e personalidades, e elas passavam a me conhecer melhor à medida que a nossa interação se aprofundava. É claro que ninguém desenvolve uma grande amizade ou grande inimizade com todas as pessoas que conhece, mas existiam aquelas às quais eu me deixei apegar, aquelas com quem eu gostava de conviver e aquelas que me eram indiferentes, ou, às vezes, insuportáveis.

Falando primeiro sobre os portugueses, que eram a maioria no contexto do instituto e das aulas que eu frequentava, eu conto nos dedos as amizades que fiz. Nas turmas do 1º ano, eu era excluída; nas de 2º e 3º, vista como competição. Em geral, nós, intercambistas brasileiros, pelo que presenciei, éramos muito bem quistos pelos professores. Falo por mim quando digo que, na minha cabeça, aquela era uma oportunidade única na vida: viver em outro país, estudar durante um semestre em uma instituição europeia com uma estrutura incrível e ter acesso à educação que, no Brasil, temos como “de primeiro mundo”. Talvez a minha dedicação às aulas e a todas as atividades propostas pelos professores viesse desse sentimento de gratidão por estar ali, e eu queria ser merecedora de tudo aquilo, fazer valer à pena. A minha melhor amiga portuguesa, eu conheci ao bater na porta da sala onde, supostamente, teríamos uma aula. Estávamos todas enganadas, e quando nos demos conta, já estávamos conversando e contando tudo sobre nossas vidas. Minha segunda amiga portuguesa foi uma menina do curso de Animação e Produção Artística. Na verdade, toda a turma da aula de Educação Musical foi muito receptiva. Eles me incluíram no projeto final da turma e ainda fui convidada para participar da confraternização de Natal, com direito a jantar.

Durante o semestre, eu dividi um apartamento com duas colegas do CEFET/RJ, com quem eu viajei, e mais dois rapazes, um deles ucraniano e o outro turco. Nos primeiros dias, o rapaz da Ucrânia e eu ficamos próximos instantaneamente. Ambos curiosos sobre o país um do outro, querendo saber como cada um foi parar ali, o que estudava, entre vários outros assuntos. Nos primeiros dias, como ainda não tínhamos aula, nós passeávamos pela cidade e conversávamos até altas horas na cozinha, que era o espaço coletivo em nosso apartamento.

Já o rapaz turco, socializou conosco nos primeiros dias, porém foi ficando mais distante, passava quase o dia inteiro dentro do quarto, e em algumas ocasiões ficávamos até preocupados porque ele não dava nenhum sinal de vida. Suas aparições ocorriam somente

quando ele precisava cozinhar, lavar a roupa ou quando coincidia de sairmos para ir às aulas no mesmo horário. Apesar de termos tido uma convivência pacífica, não construímos nenhum laço de amizade. Em oposição, eu fui apresentada à “comunidade ucraniana” do instituto, graças ao meu *roomate*. Os ucranianos tinham prazer em me ensinar todas as palavras de sua língua, e se divertiam ao me ver repetindo cada sílaba. Até hoje, quando falo deles, digo que fui “adotada” pelos ucranianos. Depois dos brasileiros, e dos amigos portugueses que eu conheci, os ucranianos eram o meu maior grupo de colegas, sem dúvida.

Como mencionado, os brasileiros eram um dos maiores grupos de estrangeiros que estavam estudando em Bragança. Do meu ponto de vista, quando nós brasileiros embarcamos no desconhecido, se tivermos a oportunidade, vamos nos aproximar do que nos é familiar.

Ao embarcar para o intercâmbio, eu já viajava com duas colegas brasileiras do LEANI, portanto, ao chegarmos a Portugal, contávamos muito umas com as outras inicialmente. Uma delas dividiu o quarto comigo, e dessa convivência mais rotineira foi que nasceu a minha primeira grande amizade do intercâmbio. Antes, somente colegas de faculdade, mas depois, amigas para a vida. E, juntas, vivenciamos a nossa experiência de intercâmbio no exterior.

Nos primeiros dias, fazíamos as refeições com os alunos brasileiros que já estavam lá antes de mim. A princípio, por meio deles, eu fui conhecendo melhor o instituto e a cidade, além de compartilhar impressões sobre Portugal e algumas novidades sobre o Brasil. Mas, à medida que o tempo foi passando e novos brasileiros chegavam, comecei a me distanciar do grupo dos “veteranos”, e passei a integrar o grupo dos “calouros” brasileiros. Portanto, havia sim um grande grupo de brasileiros estudando no IPB, mas dentro desse, existia uma subdivisão, com direito a mesas separadas no refeitório, que era um grande salão no qual nos reuníamos para as refeições. Ali era onde a divisão entre o grupo de intercambistas brasileiros era mais nítida. Para todas as pessoas de outras nacionalidades no IPB, nós éramos os brasileiros, mas entre os próprios brasileiros, cada um sabia qual era a sua mesa. Claro que com o passar do tempo e com os programas em comum, os grupos foram variando de componentes, alguns até pertencentes aos dois. Independente das nacionalidades e das divisões, eu sabia com quem eu queria estar e com quem eu não precisava estar. Eu sabia quais eram as pessoas que eu queria na minha mesa.

Continuando no cenário anterior, o refeitório do Instituto, posso dizer que passava algum tempo lá. Eu, como nunca tive o hábito de cozinhar no Brasil, agradei imensamente o fato de termos as duas refeições do dia oferecidas lá. No início, eu fiquei um pouco assustada com a grande quantidade de comida que colocavam no prato, mas fui me acostumando aos

poucos, já que também nunca fui daquelas pessoas de “viver para comer”. Só que a gente adora comer algo que gostamos e, para mim, o melhor dia era quarta-feira, quando serviam frango com batata frita no refeitório, talvez por ser um dos pratos que mais se aproximava da culinária brasileira. Por um acaso, ou não, era um dos dias que o refeitório mais enchia. Acho que todos já tinham anotado na agenda quando teria frango com batata frita, e, aparentemente, adoravam esse prato.

Em Portugal, principalmente em Trás dos Montes, a região onde se localiza a cidade de Bragança, encontram-se alguns pratos regionais, como a feijoada transmontana. Nesse sentido, eu já sou uma brasileira “fora da curva”, porque o feijão não me apetece, e essa feijoada, assim como no Brasil, era composta de várias partes de carne de porco e frango junto com feijão branco. Normalmente, quando eu sabia que o prato seria feijoada transmontana, eu optava pelo “prato alternativo”, que normalmente era um peixe. Lá eles também comiam carne de porco, que eu não estava muito acostumada a comer, além da carne de coelho, que eu nunca havia experimentado antes.

Fora do refeitório, também tivemos a oportunidade de provar algumas iguarias portuguesas, além de comidas não tão típicas de Portugal, mas que, de alguma forma, chegaram até lá. Os doces são o destaque em Portugal que, fora o seu tão famoso pastel de nata (porque somente o que é feito em Belém pode, de fato, ser chamado de “pastel de Belém”), me apresentou diversos tipos de doces. Eu só ficava um pouco decepcionada porque, em sua maioria, os doces eram sempre recheados de nata, e meu recheio favorito, sem dúvidas, é o chocolate. Mas quando a minha amiga e eu encontramos um lugar chamado “Canelão”, muito próximo ao instituto, ficamos maravilhadas. Além de doces deliciosos e *milkshakes* que pareciam obras de arte, o “Canelão” servia uma especialidade que se tornaria uma das mais queridas para mim no quesito sobremesa: a tosta de Nutella (que consistia, basicamente, em pão na chapa recheado com Nutella). Quando batia aquela saudade de casa, quando eu estava cansada, triste ou alegre, eu só queria uma tosta de Nutella para me deixar melhor. Porém, o que mais sinto falta das comidas de Portugal, e principalmente de Bragança, é o *kebab* do Mimo’s. O Mimo’s, além de servir pizzas, massas e frango assado, serve um sanduíche com carne de cordeiro assada na brasa, que tem suas origens na Turquia. Para mim, era simplesmente maravilhoso.

Relações sociais, hábitos alimentares, nova rotina, eu comecei do zero novamente quando morei em Portugal. Ao recontar algumas das situações que vivi, percebo que, mesmo não sendo esse o objetivo, eu consigo me enxergar como uma diplomata em missão, já que esses, assim como os intercambistas, residem no país ao qual foram designados e imergem em

sua cultura, pois somente dessa forma poderão aprender a viver e conviver em uma nova nação.

Perguntas e curiosidades sobre o Brasil foram recorrentes durante o intercâmbio; algumas visões pré-concebidas sobre os brasileiros me foram relatadas; realizei apresentações de trabalhos com temas relacionados ao meu país em algumas aulas que eu frequentava; debates políticos e sociais entre os próprios brasileiros se tornaram corriqueiros durante as refeições; contei histórias sobre a minha vida no Brasil para portugueses e alunos estrangeiros.

Portanto, apesar de não exercer de fato o papel de embaixador no sentido da profissão e dos objetivos que uma missão diplomática carrega, posso dizer que me senti uma representante da cultura brasileira, e pude refletir sobre como o meu papel poderia influenciar a opinião das pessoas sobre o que é o meu país e como são as pessoas que vivem nele. Acredito que para muitos eu posso ter reforçado algum estereótipo, mas para outros eu fui um meio de desconstrução e esclarecimento. E por fim, considero que fui uma representante da minha cultura, da minha instituição e também do meu curso.

4.2 GABRIELA HUNGERBÜHLER

Voltando a 2013, meu último ano no ensino médio, posso identificar facilmente o surgimento da vontade de realizar um intercâmbio. Eu já tinha finalizado um curso de inglês de nível avançado e cursado três anos de francês durante meus anos no Colégio Pedro II. Ainda que a relação com essa última língua tenha se iniciado de forma traumática, o medo de não conseguir aprender um novo idioma, praticamente do zero, deu lugar a uma nova paixão por toda uma cultura. E eu ansiava o próximo passo, ansiava alguma maneira de melhorar meu nível nas línguas e conhecer a fundo novas culturas. No ambiente do curso particular de inglês falava-se muito em intercâmbio, viajar à Disney, mas aqueles sonhos não se encaixavam na minha realidade financeira daquele momento. Além disso, eu já tinha um raciocínio de que uma experiência dessas, decorrente de um investimento considerável por parte dos meus pais, seria melhor aproveitada se eu fosse mais velha, mais independente. E assim, eu esperei e foquei na escolha de uma graduação que pudesse me proporcionar esse tipo de vivência.

Ao entrar no LEANI, uma escolha nada convencional e fruto de muita reflexão, eu não sabia muito bem o que esperar em relação ao sonho na gaveta, mas tinha esperança de

que a natureza multicultural do curso possibilitasse a realização de mobilidades internacionais. Logo no primeiro ano de faculdade foi dada à minha turma a oportunidade de estudar durante uma semana em Buenos Aires com uma bolsa do CEFET/RJ e eu não precisei pensar duas vezes, me inscrevi. A viagem em grupo foi uma boa forma de testar a minha capacidade de me organizar sem meus pais e me mostrou que eu estava pronta para viver algo parecido sozinha.

Como estava envolvida em outras atividades acadêmicas durante os dois anos seguintes, não pude aproveitar de primeira as oportunidades de realizar um intercâmbio. Entretanto, acompanhei de perto quatro amigas da faculdade durante os processos seletivos e vibrei junto a elas quando conquistaram as bolsas para estudar em Portugal e na França. Lamentei muito não ter aproveitado a primeira chance de ir para a *Université de La Rochelle*, instituição na qual nasceu a graduação de Línguas Estrangeiras Aplicadas e com a qual o CEFET/RJ estabeleceu convênio exclusivamente para o LEANI. Alguns meses passaram, eu me inscrevi para o segundo processo seletivo de 2016 e conquistei uma bolsa para estudar em *La Rochelle* no primeiro semestre de 2017. E para melhorar, outra amiga conseguiu passar no mesmo processo.

O intercâmbio já incitou a ansiedade e o estresse antes mesmo de começar, precisei comprar as passagens em cima da hora pois ocorreram atrasos nos procedimentos de visto e o alojamento universitário exigiu o pagamento integral do aluguel de todos os meses antes da viagem. No final, tudo deu certo e no dia vinte e seis de dezembro de 2016 embarquei para o que seria a maior aventura da minha vida, até o momento.

Ao pousar em Paris, todos os estereótipos dos franceses vieram direto à mente. Já esperava que seriam rudes comigo na migração, que se recusariam a falar inglês caso não conseguisse entender o francês, mas nada disso aconteceu. Não tive nenhuma experiência muito traumática com franceses nesse sentido. O acolhimento da universidade é muito bem planejado, são designados um professor orientador e um tutor, normalmente um estudante de mestrado, para cada intercambista.

Nos primeiros dias de visita à universidade, ainda para organizar a grade de horários e outros processos burocráticos antes de começar as aulas de fato, ocorreu o único episódio marcante de preconceito diretamente comigo. Eu e os outros intercambistas brasileiros tínhamos uma reunião marcada, mas todos se atrasaram por minha culpa. O ralo do meu banheiro entupiu enquanto eu tomava banho e eu só me dei conta quando o quarto todo estava inundado. Tive que secar tudo antes de sair para a reunião e todos ficaram me esperando para irmos andando juntos até a universidade. Chegando lá, o professor que nos esperava se

mostrou extremamente incomodado com nosso atraso e disse algo como “aqui não é o Brasil, não é bagunça, se marcamos tal hora, devem estar aqui tal hora, não toleramos isso aqui...”. Tentei algumas vezes explicar o que tinha acontecido, mas o professor simplesmente não quis ouvir, como se eu estivesse inventando uma desculpa.

A princípio, esse caso me impactou bastante e nunca mais cheguei atrasada para nada. Até o dia em que tive uma outra reunião com esse mesmo professor e ele chegou atrasado dessa vez, sem sequer pedir desculpas ou explicar a demora. Aí entendi que realmente se tratava de uma questão cultural ou até mesmo de hierarquia. O tempo dele enquanto professor valia muito mais que o meu enquanto aluna, foi a conclusão a que cheguei em um primeiro momento. Alguns meses depois, tive mais contato com esse mesmo professor e nunca mais tivemos problemas como esse. No final das contas, atribuí esses desentendimentos a questões de personalidade, humor no dia em questão, etc. Não houve repetições que demonstrassem que se tratava de um preconceito de fato, havia inclusive muita curiosidade pelo Brasil por parte dele. Talvez esse hábito do atraso atribuído aos brasileiros fizesse parte de um pré-conceito que ele construiu ao conviver com estudantes intercambistas e uma única ocorrência já servia como comprovação dessa expectativa.

A recepção por parte da minha tutora, uma aluna franco brasileira de mestrado, não poderia ter sido melhor. Ela me recebeu na estação de trem, me levou para resolver todas as questões burocráticas de matrícula, abrir conta no banco e até mesmo no mercado. Essa mesma pessoa foi essencial para a minha socialização com outros franceses também. Ela apresentou todos os seus amigos a mim e aos outros intercambistas brasileiros que chegaram junto comigo e nos convidou diversas vezes para sair, tomar cafés, etc.

Certamente, sem minha tutora, que acabou virando minha amiga, eu teria demorado muito tempo para fazer uma amizade ali. Nas salas de aula os alunos tinham seus grupos, como em qualquer outro lugar, imagino, e raramente falavam com os demais. Algumas pessoas estudavam juntas há anos e sequer sabiam os nomes uns dos outros. Foram poucos os alunos que me procuraram por ser intercambista, por ser do Brasil. No final das contas, o meu círculo de amizades ficou constituído por outros brasileiros em intercâmbio e amigos da minha tutora, que acabaram se tornando meus amigos também.

Outra questão que pude observar durante as aulas era a falta de participação dos alunos. Alguns professores ficavam bastante incomodados com o desinteresse e apenas desistiam de propor discussões em sala e aulas participativas. Um professor americano chegou a agradecer a mim e outra amiga brasileira no fim do semestre pela participação nas aulas. Nós éramos as únicas que interagíamos com ele, sem medo de discordar dos seus

posicionamentos e problematizando as questões culturais estudadas na disciplina de cultura estadunidense. Nas aulas de português não era diferente, alguns alunos se recusavam a participar mesmo sendo chamados diretamente pelo professor.

As aulas de francês para estrangeiros possibilitavam algumas interações com alunos de outras nacionalidades. Na minha turma a maioria era chinesa, mas também não existia aquela animação e receptividade que eu costumava encontrar em quase todo novo ambiente no Brasil. Em uma atividade de produção oral em grupo, um dos alunos chineses deixou bem claro que seu único objetivo no intercâmbio era o estudo e interagir com franceses não fazia sentido algum, pois não possuía nada em comum com eles e toda tentativa de conversa se tornava tediosa rapidamente.

Depois de seis meses estudando com os mesmos intercambistas chineses, só me aproximei de fato de uma menina que já estava na França há quase um ano, que namorava um francês e adorava sair. Ela ficou aliviada ao saber que eu também, pois já estava acostumada a sair sozinha para bares e boates, já que seus conterrâneos não gostavam da vida noturna de *La Rochelle*.

Fiquei bastante impressionada com a aparente falta de interesse no estrangeiro, tanto dos alunos franceses quanto dos demais estudantes internacionais. No semestre seguinte ao fim do meu intercâmbio, já no Brasil, fiquei próxima dos franceses que vieram estudar no CEFET/RJ e me interessei muito em escutar suas opiniões sobre meu país. E eu não era a única, via essa mesma reação em uma quantidade considerável de alunos brasileiros. Era raro ver esses franceses saindo desacompanhados das salas de aula. Nesses momentos observei a mesma coisa que Reyes durante seus anos como diplomata no Brasil: uma tendência do brasileiro a unir as pessoas com sua simpatia. Até para a comemoração do meu aniversário, que fiz em minha casa, os intercambistas franceses foram convidados. De fato, nos tornamos amigos. Durante o meu período na França posso dizer que, além da minha tutora franco-brasileira e alguns amigos dela que também já tinham alguma relação particular com o Brasil, poucas foram as pessoas que demonstraram receptividade similar à brasileira.

Entretanto, preciso destacar que existem diversas iniciativas para integrar os alunos internacionais tanto entre eles quanto com os franceses. Na universidade havia uma associação estudantil dedicada ao acolhimento de intercambistas. Eles promoviam festas, pequenas viagens e até mesmo feiras para doação de objetos dos alunos internacionais do semestre anterior para os recém-chegados.

Também participei de algumas atividades organizadas por uma associação, na qual um dos brasileiros que chegou na mesma época que eu trabalhava. Não eram exatamente para

intercambistas, mas acabavam atraindo alguns. Fui mediadora em algumas oficinas de línguas (inglês e espanhol) para crianças e também participei de uma feira gastronômica e cultural. Neste último evento, fiquei em uma mesa oferecendo brigadeiros e beijinhos de coco a todos que acertassem algumas perguntas sobre o Brasil. Foi uma experiência bastante interessante. A maior parte das pessoas só se interessava realmente pela comida, mas alguns paravam para conversar, perguntar o que eu estava fazendo na França, se queria voltar para o Brasil, etc.

Olhando para trás agora, percebo que me deixei acomodar no conforto de ter uma amiga comigo, duas meninas da minha faculdade com as quais acabei construindo uma amizade durante o intercâmbio, mais dois intercambistas de LEA de outras universidades do Brasil que também viraram amigos, uma tutora francesa mas que falava português perfeitamente bem e um namorado francês, apresentado pela tutora. Meu primeiro semestre em *La Rochelle* foi muito tranquilo justamente devido a essas companhias. Em face de qualquer problema ou saudade de casa, eu tinha a quem recorrer.

No final das contas, eu estava quase sempre na minha “bolha brasileira” e, ao fim desse primeiro semestre, me questioneei muito sobre o aproveitamento do meu intercâmbio. Eu mesma não tinha certeza se tinha, de fato, vivido a cultura francesa, praticado a língua, tentado interagir com nativos, etc. Foi muito difícil pesar tudo isso e decidir se ficaria mais um semestre ou se retornaria para o Brasil de vez. Não existia um sentimento claro de conclusão, de missão cumprida, de aproveitamento completo. Agora, apenas vejo o quão dura eu estava sendo comigo mesma. Eu era a protagonista da minha experiência e as escolhas que eu fiz me tornaram quem sou agora.

Quando decidi prorrogar o intercâmbio, eu sabia que seria tudo mais complicado sem essas pessoas a minha volta. Meu sistema de apoio brasileiro tinha ido embora e me encontrei incompreendida em diversas situações por questões culturais. As dinâmicas de relacionamento, amoroso ou amigável, são diferentes em cada país e isso ficou muito claro para mim quando fiquei imersa na cultura francesa. Ao dividir um apartamento com a minha tutora, me vi cercada por questões que eu não sabia responder e não conseguia perguntar, como o que se espera de uma amizade, como demonstrar afeto, como dizer o que me incomoda, como ter certeza se temos uma divergência cultural ou pessoal.

Apesar de terem sido meses bastante duros emocionalmente falando, me renderam aprendizados muito valiosos. Percebi o quão dependente eu era, não só dos meus amigos brasileiros, mas em geral; e comecei a mudar isso aos poucos. Não por escolha, mas por necessidade. Ninguém entendia muito bem como eu estava me sentindo e, acredito eu, que isso estava muito relacionado às diferentes criações no Brasil e na França.

No Brasil, estamos acostumados a morar com nossos pais durante a faculdade, muitas vezes até depois de formados, enquanto não encontramos um emprego estável ou terminamos o mestrado. Na França, pude perceber que isso normalmente se dá de uma forma muito diferente. Muitos jovens saem de casa para estudar o ensino médio em outras cidades e a grande maioria dos que eu conheci não cursou a faculdade em sua cidade natal e realizou ao menos um intercâmbio. Existe todo um sistema de apoio governamental para fomentar esse tipo de prática, bolsas de estudo, auxílios com aluguel e etc.

O meu intercâmbio foi a minha primeira experiência fora de casa, morando sozinha, cuidando de mim mesma. Enquanto meus amigos brasileiros estavam comigo, acabávamos cuidando uns dos outros. Uma das minhas amigas foi até mesmo apelidada de “mãe” do grupo devido ao seu comportamento de preocupação e cuidado com os demais. Quando me vi sozinha, apenas com franceses a minha volta, não encontrei mais esse apoio e foi um choque. E, para piorar, não havia compreensão a minha volta. Não porque não queriam entender como eu me sentia, mas realmente porque não conseguiam.

Com o passar do tempo, depois de muitas chamadas de longas horas com minha mãe e conversas com amigas brasileiras, fui me fortalecendo e aprendendo a me virar. Consegui até mesmo fazer uma nova amizade, graças ao funk brasileiro. Uma francesa que fazia aulas de inglês comigo tinha pais portugueses e adorava música brasileira. Começamos a falar disso e logo estávamos indo comer fora toda semana. Fiquei muito triste por termos nos aproximado tão perto do fim do intercâmbio, mas mantivemos o contato e espero que ela venha me visitar um dia.

Contatos aparentemente simples como esses me fizeram sentir, de certa forma, como uma “embaixadora” do Brasil. Apesar de já ter algum conhecimento da nossa cultura por curiosidade própria, conversamos muito sobre as diferenças entre os nossos países. Nas aulas de tradução português-francês que fazíamos juntas sempre surgiam dúvidas, até mesmo vindas dos professores. Algumas eu nem mesmo sabia responder, como certa vez quando traduzimos um texto sobre gás natural veicular com vários termos específicos. E eu me sentia uma farsa quando isso acontecia, sentia que devia saber tudo sobre meu país, que precisava ser uma fonte de informação confiável e completa para todos ali que queriam aprender comigo. A responsabilidade de representar o Brasil pesava, mesmo que eu não tivesse intenção alguma, a princípio, de desempenhar esse papel.

Em certos momentos eu já nem me sentia mais tão brasileira. Uma vez, durante uma viagem à Espanha, um vendedor local perguntou se eu era francesa. Eu, com mais quatro amigos brasileiros, falando em espanhol com ele, parecia ser da França, segundo ele. E eu

fiquei extremamente feliz com essa declaração, pois já me sentia um pouco francesa. Apesar de estar há poucos meses em *La Rochelle*, eu já me sentia em casa. Fiquei surpresa quando percebi esse sentimento em mim, pois nunca imaginei que um lugar longe da minha família, dos meus amigos e fora do país onde eu nasci pudesse se tornar um lar para mim.

Por fim, o intercâmbio pra mim foi acima de tudo uma experiência de autoconhecimento. Superei diversos desafios pessoais, descobri novas capacidades minhas, mas nunca deixei de lado o Brasil dentro de mim. Continuei fazendo meu arroz todo dia, ouvindo funk, falando português, etc. Apesar de estar completamente aberta à cultura francesa e julgar ter absorvido bastante dela, não deixei de representar o Brasil quando necessário. Já não me sentia mais tão brasileira, porque me sentia um pouco francesa, mas nunca deixando minhas raízes de lado.

5 ENTREVISTAS

Ao revisitar nossos pré-conceitos e desconstruções observados durante nossos intercâmbios, percebemos a necessidade de entrevistar nossos colegas que tinham passado pela mesma experiência para entender se também tiveram as mesmas reflexões.

O nosso objetivo com as entrevistas era permitir que os estudantes, que já foram intercambistas ou estão em intercâmbio, contassem sobre as suas vivências no exterior, elencando situações com as quais se depararam durante esse período. A partir delas, pudemos perceber padrões, semelhanças e diferenças entre as narrativas de cada entrevistado e as nossas próprias experiências em mobilidade internacional.

Consideramos as entrevistas como um evento interacional, e nesse contexto as pessoas articulam a produção de identidades sociais. Ou seja, como e por que as pessoas narram suas histórias são maneiras que os indivíduos têm de compreender o sentido que fazem de si mesmos e sua compreensão do mundo e de suas experiências (BASTOS, 2005, p. 74 apud SANTOS, 2013).

No caso da nossa pesquisa, os temas que iriam ser abordados foram preestabelecidos, mas deixamos a critério do entrevistado a cronologia, as situações e o que gostaria de descrever em relação aos tópicos que foram abordados em todas essas conversas. Tivemos o cuidado de fazer poucas interrupções, justamente para que o estudante tivesse a liberdade para construir a sua narrativa da forma que considerasse mais confortável e coerente, dentro do contexto da pesquisa.

Conforme já dito na Introdução, adotamos a perspectiva emocionalista e construcionista para a realização das entrevistas, na qual o entrevistador deve se disponibilizar a interagir com todas as produções discursivas das emoções, recordações e pensamentos do entrevistado, já que lida com narrativas pessoais e fatos passados que podem despertar as mais diversas reações.

Até o fim de 2018, vinte e um alunos do LEANI realizaram uma mobilidade internacional por meio da ASCRI. Dentre desses, uma para a Espanha, doze para a França e oito para Portugal. Escolhemos três colegas de curso considerando tanto alguns relatos compartilhados informalmente antes da realização do trabalho que julgamos que poderiam ser interessantes para o mesmo, quanto às possíveis reflexões que poderiam trazer para verificar ou colocar em discussão nossas opiniões formadas durante os intercâmbios que realizamos. As entrevistas ocorreram em novembro de 2018, em datas e locais diferentes. Duas entrevistas foram realizadas presencialmente, em salas do CEFET/RJ, e uma virtualmente, via Skype.

Para mantermos o anonimato dos participantes durante as análises, substituímos seus nomes pelas denominações E1, E2 e E3.

Após seleção de unidades de registro relevantes para análise e alocação delas nas categorias criadas levando em conta o roteiro de apoio e os pontos abordados pelos participantes, fizemos as seguintes análises.

5.1 ANÁLISE CATEGORIA PRECONCEITO E CULTURAS

Durante as entrevistas os estudantes recontaram a sua relação com outros alunos de diversas nacionalidades, além de situações de trocas culturais, algumas nas quais as culturas se chocavam e outras nas quais dialogavam. Dentro dessas falas direcionadas para o relacionamento com estudantes de nacionalidades distintas, pudemos identificar momentos de comparação entre o relacionamento com outros intercambistas, também estrangeiros, e com os alunos nativos que se encontravam em formação na instituição de ensino superior. Também houve narrativas de atitudes que podem ser interpretadas como uma manifestação de preconceito.

5.1.1 Relação Com Outros Intercambistas

Relação com outros intercambistas
“Eu saía mais com essa ucraniana e também com as pessoas que eu conhecia lá, mais os intercambistas do que o portugueses.” (E1) “Depois eu descobri que tinha uma menina mexicana, uma chilena e uma hondurenha. Aí, começou, né. Depois chegou uma menina da Itália e tal. Aí, ficou assim, o grupo das meninas que não são daqui, né.” (E2)

Quadro 1 - Subtópico 1 de Preconceito e Culturas

Alguns dos entrevistados relataram uma aproximação maior de estudantes de nacionalidades diferentes, mas que também se encontravam em intercâmbio, do que com os alunos que já se encontravam em seu país de origem.

O estudante E1 citou uma amiga ucraniana que conheceu durante o intercâmbio. Ele contou que ela era uma das pessoas com quem mais saía, além de outras pessoas que conheceu. E, por fim, disse que dentro desse grupo de pessoas com quem se relacionou durante esse período, a maioria era intercambista como ele.

A estudante E2 já se inseriu dentro do grupo das “meninas que não são daqui”. Ela contou que as intercambistas logo se aproximaram por conta da situação que viviam naquele contexto.

Existem estudos que esclarecem que alguns intercambistas “podem experimentar choque cultural, dificuldade de adaptação, com confusão sobre expectativas de papel no novo país, baixa integração social, alienação, dificuldade com atividades diárias, depressão, ansiedade e discriminação” (ANDRADE e TEIXEIRA, 2009 apud MERÇON, RODRIGUES e SANTOS, 2012, p. 181).

Ao pensar na relação entre os intercambistas, pudemos inferir que a identificação que se estabeleceu entre esses alunos estava ligada à condição na qual eles se encontravam, ou seja, incluídos em uma nova cultura que não era a sua de origem, e à qual ainda estavam se adaptando. Essa integração de diferentes indivíduos e comunidades é um traço da globalização comentado por Antony McGrew (1992). A globalização, além de tornar o nosso mundo mais interconectado, também tem efeito sobre as identidades culturais (HALL, 2006).

Independente da nacionalidade, os intercambistas estavam chegando a um país onde quase tudo era novo. Por mais que tenham desejado estar ali e tenham se preparado para aquele momento, ainda assim se encontravam em um país que não é o deles, longe de tudo o que lhes é familiar. Esse pode ter sido um dos fatores que terminou por aproximar os alunos que se encontravam nesse novo ambiente.

A aproximação de pessoas que também deixaram seus locais de origem para estarem ali, longe de suas casas e buscando uma experiência internacional, era tanto um sinal de que existia um entendimento mútuo entre elas, quanto também um alívio por saber que outros estudantes também estavam vivendo a mesma situação e ao mesmo tempo.

5.1.2 Relação Com Nativos

Relação com nativos
“[...] as pessoas chegavam me perguntar ‘ah, você não acha estranho que você faz seu intercâmbio em Portugal e encontra intercambistas e sai mais com os estrangeiros que os portugueses que são de Portugal?’ Eu acho que é porque eu vou lá só pra 6 meses e eles já estão acostumados no IPB com essa rotina de ver muitos estrangeiros, todo semestre chegam vários estrangeiros de vários lugares do mundo e depois eles vão embora, eles ficam 6 meses e voltam, como eu.” (E1) “Principalmente, aqui, é, eles são muito mais diretos e o fato deles serem muito diretos, soa pra gente um pouco agressivo. Então, às vezes, a gente se assusta, acha que a pessoa tá brava com você, que você fez alguma coisa errada e tal.” (E2)

“[...] e assim, depende também muito da abertura do nativo, porque tem alguns nativos que não são abertos. Portugueses que não estão afim de socializar tanto e os que estão abertos, estão abertos mesmo, abrem a casa, abrem a vida, é um amor, né.” (E3)

Quadro 2 - Subtópico 2 de Preconceito e Culturas

Apesar de apontarem uma maior aproximação com outros intercambistas, de fato não existia a possibilidade de não se relacionar com nativos durante o período de intercâmbio em um determinado país. Diante dessa afirmação notória, os estudantes descreveram algumas situações de interação com os nativos do respectivo país no qual estavam residindo.

O estudante E1 descreveu o estranhamento que surgia quando ele comentava que convivia muito mais com outros intercambistas, de diversas nacionalidades, do que com portugueses, que eram maioria. Nesse caso, E1 disse acreditar que os estudantes nativos já teriam se habituado ao movimento de intercambistas em sua instituição, portanto sabiam que todos ficariam durante um período de tempo limitado estudando lá e que, eventualmente, voltariam para seus países.

Dentro da narrativa da estudante E2, conseguimos uma descrição comportamental observada por ela nos cidadãos nativos que, no seu caso, eram os espanhóis. Ela explicou que a objetividade dos espanhóis, a princípio, lhe causou estranhamento, pois por serem muito diretos, poderiam soar, em alguns momentos, agressivos. Nessa situação, pudemos apontar que essa interpretação da objetividade de algumas culturas pode soar rude para pessoas que venham de culturas consideradas mais indiretas, ou que buscam expor opiniões ou dar ordens de maneira mais sutil. A objetividade explícita na fala dos espanhóis, que é uma normalidade dentro do universo da Espanha e de outros países, pareceu incomum a ela, que era uma estudante brasileira que estava se adaptando àquela nova cultura.

A estudante E3 conseguiu descrever de forma mais precisa o seu parecer sobre os nativos, que no seu caso, eram portugueses. Ela elucidou que existem portugueses que buscam se socializar com os brasileiros e com o restante dos intercambistas em geral, como também aqueles que não estão tão dispostos a interagir. Depois, ela aprofundou sua observação, explicando que aqueles portugueses que optam por se relacionar com estrangeiros, não o fazem de uma forma tida como superficial, mas abrem as portas de suas casas para os estrangeiros que estão em Portugal.

Por meio dessas narrativas, pudemos entender a visão de cada estudante sobre esses nativos, que possuem uma cultura referencial distinta, e como a leitura de certas atitudes e

códigos influenciou diretamente em seus julgamentos e opiniões. A maneira como cada um descreveu o seu relacionamento com os nativos nos diz muito sobre suas visões de mundo, e sobre a atuação do referencial cultural durante a interação com os outros intercambistas.

Nesse tópico, tivemos a oportunidade de reforçar que a generalização de indivíduos de uma determinada cultura simplifica deliberadamente os diálogos sobre trocas culturais, auxiliando na construção de estereótipos cada vez mais determinantes e solidificados. Podemos afirmar que, durante as nossas próprias experiências de estudo no exterior, tivemos muitas oportunidades de testemunhar a influência da cultura sobre um sujeito, mas também o contrário, como a personalidade individual de um ser atua na leitura que ele faz do contexto cultural no qual está inserido.

5.1.3 Preconceitos Com Relação Ao Brasil

Preconceitos com relação ao Brasil
“Mas, diversas vezes, ela [responsável pela residência universitária] virava pra mim e falava assim, tipo, ‘Nossa, tão sendo os meses mais seguros da sua vida, né? Você deve tá se sentindo muito bem, muito confortável. E sem medo de andar na rua’ e não sei o que. Eu falei ‘É, realmente’. (risos). ‘Não vou mentir pra senhora’, né. Um pouco preconceituoso, mas [...]’.” (E2) “[...] em Portugal eu senti mais a questão do preconceito com o Brasil, acho que até pelo fato de ser aquela coisa da colônia.” (E3) “Isso marcou muito nos intercâmbios que eu fiz pros Estados Unidos, porque tinha pessoas de todas as nacionalidades na sala, mas eles faziam questão de deixar claro pros brasileiros não chegarem atrasados.” (E3)

Quadro 3 - Subtópico 3 de Preconceito e Culturas

Perguntamos aos participantes da pesquisa sobre situações nas quais consideraram ter sofrido algum tipo de preconceito por serem brasileiros, ou alguma atitude com relação ao Brasil que pudesse ser interpretada como uma discriminação.

A estudante E2 contou sobre uma conversa especificamente com a responsável pela residência universitária na qual morava. Ela destacou as repetidas vezes nas quais a senhora comentava sobre a violência existente no Brasil, comparada à tranquilidade que a estudante estava vivendo enquanto morava na Espanha.

Diante desse diálogo, E2 afirmou que concordava em parte com as observações da senhora, porém notava um certo exagero dela quando tocava no assunto da falta de segurança que existe no Brasil.

A estudante E3 recapitulou durante a entrevista dois episódios: um no decorrer do intercâmbio em Portugal, e o outro no período que passou nos Estados Unidos.

No primeiro, ela apontou, de forma abstrata, que sentiu um preconceito maior durante o tempo que viveu em Portugal, e atribuiu a ocorrência ao laço histórico entre Brasil e o país ibérico, que já figuraram nas posições de colônia e metrópole, respectivamente, em séculos passados.

A relação entre as nações colonizadoras e colonizadas é uma pauta complexa e comentada de forma enriquecedora por diversos autores e pensadores das identidades culturais. Bhabha (1998), por exemplo, explica que as culturas pós-coloniais possuem mais dificuldade de se inserirem no cenário mundial descolonizado, já que esse permanece dominado pelo referencial cultural das antigas metrópoles, que não se caracterizam por nenhum dos traços dessas novas culturas “fronteiriças”, como o hibridismo, a transculturação e a mestiçagem. (BHABHA, 1998).

Já no segundo episódio, a estudante contou sobre as observações incessantes para que os brasileiros não chegassem atrasados às aulas.

A atribuição do atraso aos brasileiros pode ser considerada como um reforço de estereótipo, já que temos conhecimento de que, até entre os próprios brasileiros, existe o costume de se marcarem compromissos antes da hora exata, para evitar atrasos de qualquer uma das pessoas.

No mundo globalizado, os estereótipos também circulam por meio das mídias e meios de comunicação em massa, “espaço em que o controle sobre narrativas e representações passa para as mãos das burocracias culturais estabelecidas às vezes sem resistência” (HALL, 2003, p.341). Esses estereótipos, extremamente difundidos, podem ser confundidos com a cultura de um povo, ou seja, aceitamos essas características como pertencentes às nossas vidas sociais. Assim, permitimos que certos valores ou traços sejam atribuídos a nós mesmos, sem objeções.

No entanto, voltamos a afirmar que possuímos uma identidade cultural e individual. Por isso, mesmo que possam surgir afirmações de que a maioria dos brasileiros não cumpre com os horários de seus compromissos, as generalizações não podem ser impostas, e a convivência intercultural pode ser um instrumento efetivo para desconstrução desse tipo de estereótipo e de muitos outros.

5.2 ANÁLISE CATEGORIA COMUNIDADE BRASILEIRA

Separamos no tema “Comunidade brasileira” todos os momentos nos quais houve comentários ligados à aproximação e à relação que os estudantes tiveram com os brasileiros que encontraram no exterior. Nesse tópico, reunimos depoimentos dos alunos LEANI comentando como lidavam com os grupos de brasileiros que se formavam na instituição onde estavam estudando, como uma espécie de “bolha” brasileira fora do Brasil.

5.2.1 A “bolha” Brasileira

A “bolha” brasileira
“[...] E as pessoas que saem do seu país de origem tendiam a ficar próximas de quem é do seu país, e acabava que eles falavam no dia a dia a língua deles, eles estando lá se comunicavam como se estivessem no país de origem. Eu não queria isso porque eu falei ‘ah, se eu for sair do Brasil pra ficar andando com brasileiro, pra ver coisas que sabe só sair com brasileiro, só conversar com brasileiro...’, então eu evitava [...]” (E1) “Ah, a comunidade brasileira, a bolha brasileira, sempre forma, não tem jeito. Em Portugal existia uma bolha brasileira e uma bolha africana também e acaba juntando as duas, Bragança tinha uma comunidade africana também muito forte de estudantes. E acaba sim, juntando, não tem jeito, até pela língua em comum.” (E3)

Quadro 4 - Subtópico 1 de Comunidade Brasileira

Quando pensamos na pergunta sobre a relação brasileiros-brasileiros no exterior, queríamos entender se a referência cultural similar seria uma espécie de “imã”, ou seja, pessoas que possuíam a mesma cultura de origem eram atraídas imediatamente e permaneciam quase sempre juntas em uma situação como o intercâmbio, na qual todos se encontravam distantes do ambiente que lhes é mais íntimo e no qual construíram grande parte de sua identidade cultural.

Associamos esse pensamento às nossas leituras, e especificamente a escritos de Hall (2003) nos quais ele mesmo questiona os tipos de comunidades expatriadas que se formam e como elas se integram à nova sociedade na qual estão inseridas (cf. tópico 2.1).

As respostas foram até surpreendentes no sentido de que alguns estavam conscientes do grupo brasileiro, porém optaram por não participar dele. Talvez por serem alunos de um curso que promove o incentivo à internacionalização e à comunicação intercultural, esses alunos viajaram com o objetivo de fazer o caminho oposto do que seria esperado de qualquer outro estudante, afastando-se das referências que já lhes eram conhecidas, nesse caso, as brasileiras.

O estudante E1 apresentou de maneira clara o seu objetivo durante o intercâmbio. Ele comentou que observava outros intercambistas procurando se juntar imediatamente aqueles que também vinham dos seus respectivos países de origem. Foi nesse ponto que o estudante demonstrou que desejava o contrário: ele buscava entrosamento com os estudantes internacionais que tivessem culturas dissemelhantes da sua. Sua justificativa para essa atitude está relacionada ao desejo de descobrir o que lhe era diferente e adquirir aprendizado, pois ele saiu do Brasil para que pudesse ter contato com pessoas que não tivessem a mesma nacionalidade.

A estudante E3 já considerou inevitável a formação das “bolhas” de nacionalidades. Ela destacou a questão da língua em comum como principal motivo para a formação desses “blocos” culturais. Em nossa experiência e também levando em consideração a narrativa do estudante E1, pudemos identificar esse ponto no caso dos grupos de alunos originados do Leste Europeu ou de certos países da África que compartilhavam os mesmos dialetos. Ela comentou que a comunidade brasileira e a comunidade africana eram as maiores na instituição portuguesa na qual estudou durante seu intercâmbio. A aproximação entre esses dois grandes grupos pode ser considerada uma possível consequência das proximidades culturais entre esses povos, uma vez que ambos foram colônias de Portugal no passado.

Considerando algumas das narrativas expostas por esses estudantes, e incluindo a interpretação de nossa própria experiência, verificamos que nós conseguimos identificar que intercambistas se agruparam de acordo com aspectos em comum, que podem ser tanto a língua, como a nacionalidade ou, em uma visão macro, por virem de um mesmo bloco regional.

Identificamos também a vontade, por parte de um deles, de se afastar da sua cultura original, buscar interação com culturas diversas. Ao analisar a sua escolha, conseguimos perceber que muitas vezes o intercambista busca a experiência no exterior justamente porque não quer mais do mesmo, e sim procura a diversidade cultural, objetivando o aprendizado pessoal, o que também pode se refletir no seu desenvolvimento acadêmico e profissional.

Yeung e Ready (1995) afirmam que dentro de um conjunto de oito nacionalidades analisadas em seus estudos, todas valorizam a experiência de expatriação como fundamental para o desenvolvimento de competências globais (MENEGON, REIS e SARFATI, 2013). Com relação especificamente à convivência dentro da “bolha brasileira” ou fora dela, “as escolhas identitárias são mais políticas que antropológicas, mais ‘associativas’, menos designadas” (MODOOD et al., 1997 apud HALL, 2006, p. 67).

5.3 ANÁLISE CATEGORIA ESTEREÓTIPOS E DESCONSTRUÇÃO

Durante nossos intercâmbios, percebemos ao interagir com pessoas de diferentes países que a maioria delas conhece muito pouco do Brasil e o limitado conhecimento que possuem se restringe a estereótipos. Essa nossa percepção foi reiterada pelos entrevistados, que também relataram outras dinâmicas sociais decorrentes dessas interações com estrangeiros. O objetivo dessa categoria é apresentar alguns desses estereótipos e algumas consequências das tentativas de desconstrução deles por parte dos brasileiros.

5.3.1 Estereótipos

Estereótipos
“É engraçado porque onde a gente morava, eu sempre falava com a minha amiga que veio do Brasil, do Rio de Janeiro também, a gente falava assim ‘ah, se sair de madrugada vai ser assaltado’ sempre fazíamos essas brincadeiras só que em inglês porque tinha o sul africano e o indiano e eles falavam que na Índia e na África do Sul não pode sair andando com celular que passa alguém de bicicleta e leva. Coisas com a qual nós já estávamos habituados no Rio de Janeiro e eles também vivenciam e sabiam do que a gente tava falando. Quando a gente falava isso pra ucraniana ela ficava ‘como assim, isso acontece?’ chocada. E se eu falasse naquele meio em Bragança acho que as pessoas que são dali também ficariam meio em choque. Só que como é no Brasil, eles criavam muito essa ideia quando falava do Brasil ‘ah, mas não é perigoso? As favelas no Rio de Janeiro?’ E o que você falava quando eles perguntavam isso? Eu falava que era perigoso, mas que eu nunca tinha sido assaltado e eu andava com celular tranquilamente. Não é porque eu acho perigoso que eu vou parar de andar. Eu falava essas coisas, que eu também acho perigoso, mas eu vou.” (E1) “Aí, nesse momento, eu comecei a fazer mais relações e aí eu comecei a olhar mais pro Brasil em si. Porque começaram a me perguntar muita coisa. Tipo, ‘Aí, como que é?’. Porque tem horas que você vê que eles são meio burros, assim. (risos) Têm uma visão bem limitada do que é a América. Eles, assim... As pessoas vinham com umas perguntas bizarras, do tipo ‘Ah, tem macaco nas árvores, tipo, andando?’, não sei o que. Eu... ‘Então, como que eu te explico?’. Porque têm umas ideias assim meio que tem macaco no poste, de que os macacos são treinados pra roubar a gente, tipo, uns até são, mas não é uma coisa comum. É. Aí, me perguntaram ‘Tem elefante na Amazônia?’” (E2) “Eu juro pra você que um menino me perguntou assim ‘Ah, quando eu imagino o Rio, eu imagino que tem assim uma música de plano de fundo, sabe? Como se tivesse, tipo, altos falantes ao longo da cidade tocando samba’. Eu falei ‘Claro! Eu vou comprar pão sambando.’” (E2) “Eles conhecem muito favelas, essa coisa da violência e tudo mais. Mas eles não têm muita noção do resto, assim. Tipo, pra eles, por exemplo, o Rio se resume em Copacabana. É um bairro, não tem mais nada. E o resto... E pra eles, tem até uma questão das favelas, eles perguntavam muito, é... Pra eles é uma questão, assim, como se a favela fosse uma coisa a parte da cidade, entende? Então, é tipo assim, aqui tem Copacabana, aqui tem os bairros,

tem o Cristo, não sei o que, aí você vai pra uma parte da cidade onde estão favelas. Então, assim, eu tive que falar diversas vezes, diversas vezes eu fui explicando ‘Então, não é bem assim. Entendeu? Você tá em Copacabana, tem uma favela. Você vai pra um outro lugar, tem uma favela do lado do Cristo. Tem uma coisa ali, é, integrado. É bem integrado com a cidade’.”(E2)

“E, a gente não imagina, né, que o professor vai ter qualquer tipo de estereótipo. Você imagina que o professor vai ter um pouco mais de conhecimento sobre mundo, principalmente sendo um professor de língua, né? Sobre língua, pelo menos. E eu lembro que uma vez, ela virou e falou assim ‘Não, porque, em italiano é assim, em francês é assim... Em brasileiro é assim, não é? E eu assim ‘É... em o quê?’, ela ‘em brasileiro’. Eu falei assim ‘É, eu sou brasileira, mas eu falo português’. Aí ela ‘Não, mas português é de Portugal’. Eu falei ‘Então, como que eu te explico isso sem ser rude?’. Eu falei ‘Então, a gente fala o mesmo idioma, tá? É o português de Portugal e o português do Brasil’.” (E2)

“Então, assim, é uma coisa bem assim de tentar mudar o discurso, de falar assim ‘Olha, não é bem assim’. Tanto coisas boas, quanto coisas negativas. Porque, às vezes, tinham, alguns tinham umas imagens muito positivas, tipo, demais da conta, tipo ‘Calma, que não é bem assim. É maneiro, mas nem tanto’. E outros, assim, muito tipo ‘Nossa...’, é... Eu juro pra você, tinha uma menina na residência que ela falava que ela nunca iria ao Brasil, que ela tinha muita vontade de conhecer a América do Sul, mas que ela nunca iria ao Brasil porque ela tinha muito medo. Porque ela achava que era muito perigoso, que ela ia morrer, que tinham, tipo assim, corpos no meio da rua, que era uma coisa tipo... Ela falava a mesma coisa da Colômbia, que ela nunca iria à Colômbia, porque a Colômbia era narcotráfico. Aí eu falava ‘Então, amor, você viu Narcos, né?’, ela falou ‘Vi!’, aí eu falei ‘Então...’(risos).” (E2)

Quadro 5 - Subtópico 1 de Estereótipos e Desconstrução

Extraímos das narrativas dos nossos entrevistados muitas impressões interessantes dos estrangeiros sobre nosso país. Como colocado pela estudante E2, alguns tinham uma impressão demasiado positiva, fantasiosa, e outros extremamente negativa, violenta. Tanto uma quanto a outra podem ser explicadas pela limitação do acesso a informações sobre o Brasil por meio da mídia de massa.

Por exemplo, a crença de que macacos estão por toda parte e são treinados para furtar ou que existem alto falantes pelas ruas do Rio de Janeiro reproduzindo samba podem ser facilmente associadas a filmes como “Rio” (SALDANHA, 2011). Apesar da direção brasileira, trata-se de uma produção americana que, inevitavelmente, retrata a “cidade maravilhosa” e seus moradores de forma estereotipada.

A segurança pública foi uma questão citada numerosas vezes durante as narrativas. Enquanto alguns estrangeiros não conseguiam assimilar uma realidade na qual não se possa andar de madrugada na rua ou usar o celular em qualquer local devido ao risco de roubos, como mostrado pelo estudante E1 no primeiro trecho, outros temiam o Brasil devido à

violência e à criminalidade, como citado pela aluna E2 no último trecho do excerto. Essa última impressão pode estar associada ao lançamento internacional de filmes como “Tropa de Elite” (PADILHA, 2007) que retratam a violência urbana nas grandes cidades brasileiras, como nas favelas do Rio de Janeiro, que é o caso da produção citada. O que justifica o conhecimento, também citado pela estudante E2, sobre as favelas apresentado por algumas pessoas com as quais interagiu durante seu intercâmbio.

No decorrer das entrevistas não nos atentamos a essas possíveis relações, por isso não perguntamos aos entrevistados se eles observaram a influência da mídia nos estereótipos apresentados pelos estrangeiros. Entretanto, no último trecho que destacamos no excerto 5 da aluna E2 ficou evidente a conexão entre o preconceito da menina da residência em relação à Colômbia e à série “Narcos”¹⁵ (BRANCATO, NEWMAN, BLACK, 2015-2017).

Um estereótipo que também percebemos durante nossas experiências é o de que brasileiros falam espanhol. Apesar de ser uma inferência possível, já que grande maioria dos países da América Latina são hispanofalantes, demonstra o profundo desconhecimento do nosso país e de nossa história. Tal falta de informação também foi narrada pela estudante E2, quando falou que um professor se referiu ao nosso idioma como “brasileiro”, demonstrando que ele ou não sabia que falamos português ou que não considera nossa variante do idioma como uma parte integrante da comunidade lusófona.

Durante nossos intercâmbios, também observamos pessoas se referindo ao nosso idioma como “brasileiro”, e não português ou português brasileiro. Até mesmo alguns alunos de Línguas Estrangeiras Aplicadas da Universidade de *La Rochelle*, que estudavam nossa língua na faculdade, vez ou outra usavam esse termo. Levando em consideração que eles tinham pleno conhecimento da nossa história e cultura, uma possível interpretação para essa denominação seria apenas para abreviar e facilitar a identificação do idioma ao qual se referiam, já que também estudavam o português de Portugal e constantemente era necessária a diferenciação. O incômodo gerado pelo uso do termo “brasileiro”, tanto sentido por nós quando pela entrevistada E2, pode ter sido ocasionado pelo fato de, apesar de reconhecermos que nosso idioma se difere bastante da variante portuguesa, ainda nos considerarmos parte da comunidade lusófona e não falantes de uma língua completamente a parte de qualquer outra.

Observar as reações dos nossos entrevistados frente aos estereótipos com os quais tiveram contato também foi interessante. Na maior parte dos casos, eles enxergaram comicidade no desconhecimento alheio, talvez por acharem absurdas as perguntas dos

¹⁵ Série televisiva estadunidense produzida em colaboração com cineastas colombianos que retrata o tráfico de cocaína para os Estados Unidos e Europa promovido pelo Cartel de Medellín, cujo líder era Pablo Escobar.

estrangeiros ou por se impressionarem com o nível da falta de conhecimento. Apesar disso, poucas foram as vezes que nossos entrevistados se sentiram ofendidos e, como vamos discutir mais especificamente abaixo, sempre buscaram responder aos questionamentos feitos e desconstruir os estereótipos dos estrangeiros em relação ao Brasil e aos brasileiros.

5.3.2 Estereótipos Em Relação Ao Brasileiro E Desconstrução

Estereótipos em relação ao brasileiro e desconstrução
“E aí aconteciam essas questões de comparação tanto que eles também criavam uma ideia de brasileiro e chegavam pra mim e falavam ‘ah, você não é muito brasileiro’ tanto porque eu não gostava de calor, não suportava calor e eles tinham essa ideia de que brasileiro tinha que gostar de calor, eu não sentia frio, falava ‘pra mim não tá frio, pra mim tá bom’, era inverno e também porque eu sou muito branco, aí eles falavam ‘ah, você não pega sol, pra mim as pessoas no Brasil eram mais...’ isso principalmente o pessoal do leste europeu falava ‘pra mim as pessoas no Brasil eram mais morenas, mais negras’. Elas já vinham com esse pensamento? Já criavam uma ideia, um estereótipo. Aí a gente falava, discutia, desconstruía essas ideias. Falava ‘não, a gente tem muita variedade’ porque às vezes as variedades do Brasil não são conhecidas. Aí eu escutava assim ‘ah, eu já conheci um brasileiro que era ruivo’ por exemplo, já escutei essas coisas, aí era isso, dizia que tem em locais do Brasil.” (E1) “As meninas falavam assim ‘ai, mas os caras brasileiros eles devem ser todos sarados, bonitos, fortes...’. Eu falei ‘Então, amiga, é... até tem, né, mas não é uma coisa, assim, muito comum. Não tá, de repente, tão disponível pra você. Uma coisa assim, não é sempre’. Então, assim, essa parte de desmistificar esse imaginário europeu do que é a América, é, era uma coisa que eu fazia muito, era sempre assim ‘Nossa, a menina do Brasil’, entendeu? ‘Nossa, a brasileira! É, como que é? Não sei o que. Ai, você acha muito diferente, né? Você tá morrendo de frio?’.” (E2) “[...] em Portugal me perguntaram isso ‘Nossa, mas você é brasileira? Você é tão branquinha, desculpa perguntar’. Pediram desculpa, mas perguntaram, ele era da Polônia. E porque eles têm essa noção de aqui é somente índio, negras e a gente tem que explicar que não, a gente tenta desconstruir essa coisa, essa visão que eles têm e deu pra perceber que principalmente ali do Leste Europeu, eles têm essa visão bem limitada de como é.” (E3)

Quadro 6 - Subtópico 2 de Estereótipos e Desconstrução

Nossos três entrevistados passaram por situações em que sua “brasilidade” foi questionada por estrangeiros. Seja por não possuírem a pele negra ou parda, um corpo dentro de padrões estéticos muito específicos ou por não se incomodarem com o clima frio europeu. Nós também observamos em nossas experiências essa construção estereotipada do que é um brasileiro e tampouco nos encaixamos nessas definições preconcebidas. Ou seja, de acordo com essas concepções estrangeiras, nenhum de nós seria identificado como brasileiro.

Nós nos esforçamos para desconstruir essa imagem fantasiosa e nos questionamos sobre a razão dessa figura tão limitada no imaginário estrangeiro. Uma possível razão seria o desconhecimento da nossa extensão territorial e dos diferentes povos que fizeram parte da formação de nossa sociedade.

Os países europeus, por se constituírem como nações colonizadoras, não sofreram tantas influências culturais externas, já o Brasil abarca populações muito distintas tanto em cultura como feições físicas devido às diferentes raízes de sua colonização e a variedade de povos indígenas que residia aqui. Portanto, faz algum sentido o europeu esperar um fenótipo mais uniforme, já que é o que ocorre a sua volta.

Além disso, poucos foram os estrangeiros que relataram algum conhecimento prévio sobre a história do Brasil: a vinda dos portugueses com os escravos africanos e a miscigenação com os povos indígenas que já estavam no continente. Logo, eles não tiveram acesso à informação necessária para compreender a variedade do nosso povo.

Com relação a essa diversidade cultural, Hall (2003) nos explica que uma das interpretações do que é a identidade cultural é a de que ela é incutida em nós no nascimento, por meio do parentesco e dos genes. “Esse cordão umbilical é o que chamamos de ‘tradição’, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua ‘autenticidade’” (HALL, 2003, p.29-30).

Porém, por meio do conhecimento da história mundial e da formação das nações nascidas do processo de colonização e, posteriormente, descolonização, temos a consciência de que as trajetórias de inúmeros povos e países se cruzaram em algum ponto. E por meio dessas trocas culturais, originadas não só de movimentos diaspóricos, como também do próprio fenômeno da globalização, formaram-se identidades nacionais multifacetadas.

Portanto, além de nossas origens notoriamente “impuras”, já que sofremos influências culturais tanto de nossos colonizadores europeus, quanto de povos trazidos para o Brasil colônia, como os escravos africanos advindos de diferentes tribos, nós também sofremos os efeitos da globalização cultural, “que afrouxam os laços entre a cultura e o ‘lugar’” (HALL, 2003, p.36).

Também é a globalização que forma concepções como a “uniformidade” cultural entre os países europeus, e a suposta “homogeneização” dos países africanos, assim como o imaginário europeu do que é o “brasileiro”, como narrado pelos estudantes entrevistados.

Estando conscientes desse processo, também fez parte das nossas experiências de intercâmbio, usufruir das interações com os estudantes de outras nacionalidades para desconstruir estereótipos ou ideias preconcebidas que eles possuíam sobre o Brasil, e da

mesma forma desfazer os “rótulos” que nós mesmos ainda possuímos sobre certas culturas, pois além de ensinar e esclarecer, um embaixador também é observador e encontra oportunidades de desenvolver o seu próprio aprendizado.

5.3.3 Reações Pós-interação Com O Intercambista LEANI

Reações pós-interação com o intercambista LEANI
“Tipo, principalmente das meninas da residência, que elas estavam tipo assim ‘Vamos fazer uma caravana e vamos levar todos para o Brasil’. (risos) ‘Vamos ficar lá e vamos descobrir o Rio de Janeiro, porque eu não sabia que era assim. Eu não sabia que eu podia ir e, tipo, não ser baleada. Ou que eu podia ir e não ficar no meio da floresta’, sabe? Eram umas coisas assim. É, nesse sentido, sim. Reações muito positivas. Eles ficavam sempre muito surpresos. Eu acho que, eles... Eles, às vezes, sabiam coisas que eu não sabia sobre o Brasil. Tipo, notícias que saiam, assim, e eles vinham me perguntar ‘Ah, quê que você acha disso?’.” (E2) “E, tipo, nesse sentido muito positivo, assim. Todos eles, é, com uma imagem melhorada, né, depois que falavam comigo, e tipo, tiravam dúvidas, e ficavam interessados, e queriam ir, conhecer, ver como é e passar uma temporada. E ‘Ah, quando eu for eu posso pedir dicas? Você me ajuda?’.” (E2)

Quadro 7 - Subtópico 3 de Estereótipos e Desconstrução

A estudante E2 narrou durante sua entrevista os efeitos das conversas que teve com alguns estrangeiros que, em um primeiro momento, temiam o Brasil devido às notícias sobre violência, criminalidade etc. Ela nos passou as consequências pós tentativas de desconstruir os estereótipos que a pessoas com as quais se relacionou possuíam.

O resultado foi muito positivo, a imagem do Brasil e do Rio de Janeiro, cidade natal da entrevistada, foi recuperada frente às impressões negativas que foram apresentadas anteriormente, despertando, inclusive, o desejo de conhecer o país e a cidade.

Pudemos perceber pela narrativa da E2 que ela se tornou uma espécie de referência para assuntos relacionados ao Brasil, sendo consultada a respeito de notícias sobre o seu país, e conseguiu incentivar pessoas a viajar para cá sem medo. Atitudes essas muito semelhantes às de um embaixador, como iremos discutir mais a frente, no item 5.7.

5.3.4 Reflexões Pessoais Durante O Intercâmbio Sobre O Brasil

Reflexões pessoais durante o intercâmbio sobre o Brasil
“Então assim, quando a gente se afasta, a gente consegue ver esse tipo de coisas. Tipo

assim, ‘Ah, o SUS não funciona... Não, não funciona, mas eu tenho a possibilidade de ir lá e ter atendimento, sabe, se acontecer alguma coisa’. Então, tipo, eu falava isso pra eles, assim ‘Olha, se você passar mal, você pode ir no hospital tá? Ninguém vai te cobrar não. Você de repente vai passar um dia lá, até alguém te atender, mas atendimento, pelo menos, é grátis, tá? É grátis’. Então, tipo, é, é mais fácil, assim, quando a gente se afasta, eu acho que é mais fácil a gente ver coisas positivas na nossa cultura, e quando as pessoas te perguntam, elas fazem perguntas que você mesma não faz, sabe? Tipo, nunca parei pra pensar, tipo ‘Nossa, realmente, eu não pago pra ir pra faculdade’, tipo ‘É, em alguns outros países eles tem que pagar, independente de ser pública ou não’, sabe? Eles pagam menos? Pagam menos. Mas ainda assim, eles pagam alguma coisa. E, tipo, ta todo mundo com 22 anos, com empréstimo e dívida pro resto, até 60 anos de idade, porque nao tem como ir pra universidade e não pegar empréstimo. Porque não tem como. E você tem que pegar empréstimo antes dos 50, porque depois disso eles já não te dão, porque você vai morrer, e umas coisas assim, sabe? E, eu parei e falei assim ‘Caraca, pô, é, eu só pago assim, R\$ 90,00, R\$40,00 e poucos reais no ENEM e é isso, só. Valeu’, sabe? Então, assim, umas oportunidades muito assim, e quando você sai e eles começam a ter perguntar, você fica assim ‘Pô, não, é. A gente até que é maneiro sim’. (risos) ‘O meu país, até que, pô, tá mal, mas também não tá tanto’, sabe? Você começa a ver mais coisas positivas e fica até um pouco mais orgulhoso, [...]’ (E2)

Quadro 8 - Subtópico 4 de Estereótipos e Desconstrução

A estudante E2 também nos relatou consequências pessoais que ela sentiu graças a essas interações de desconstrução de estereótipos e de comparação entre culturas. Ela disse que tudo isso a ajudou a colocar em perspectiva sua própria opinião sobre o Brasil. Ao conversar com estrangeiros, ela percebeu que temos alguns benefícios que eles não têm e passou a valorizar mais esses aspectos.

Os exemplos foram o acesso à saúde pública que, apesar da qualidade não ser tão boa, é gratuito e à educação pública. Em alguns países europeus, mesmo nas faculdades públicas, os estudantes devem pagar um valor de semestralidade. A situação financeira do aluno é levada em consideração, o que leva a uma variação dessa taxa ou até mesmo reembolso da mesma caso eles atendam os critérios necessários para estarem elegíveis a esse auxílio. Já nos Estados Unidos, por exemplo, existem algumas bolsas para estudantes com bom desempenho acadêmico ou esportivo, mas a grande maioria dos jovens precisa pedir empréstimos para pagar os custos do ensino superior e demoram anos para quitar essas dívidas.

Apesar de constantemente exaltarmos as práticas dos países desenvolvidos, principalmente no que tange à educação e à saúde, foi interessante essa reflexão da estudante E2, justamente por ir contra o nosso “complexo de vira-latas” e valorizar os nossos métodos também. Podem não ser os mais avançados, mas já garantem uma qualidade de vida superior

a uma grande parte da nossa população. Mais uma vez, a aluna apresentou, inconscientemente, um comportamento condizente com o de um embaixador. A partir da observação externa e de seu olhar crítico foi capaz de exaltar práticas de nosso país, ainda que estivesse inserida em um país, supostamente, muito mais desenvolvido que o nosso.

5.4 ANÁLISE CATEGORIA USO DAS LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Quando indagamos aos estudantes sobre a importância do conhecimento das línguas estrangeiras no contexto do intercâmbio estávamos tentando entender se o conhecimento prévio desses idiomas teve certa influência na adaptação desses alunos, ou então, qual participação teve esse conhecimento de uma das línguas, ou de todas elas, na interação com outros intercambistas e também no contexto acadêmico no qual se encontravam.

No contexto do LEANI, as cadeiras voltadas ao aprendizado de línguas estrangeiras seguem desde o início até a finalização do nosso curso. Desde o primeiro semestre somos expostos a três idiomas: o inglês, o espanhol e o francês (sendo possível cursar, também, disciplinas optativas como alemão, italiano e libras).

5.4.1 Influência De Uma Língua Na Vivência Do Intercâmbio

Influência de uma língua estrangeira na vivência do intercâmbio
“Algumas vezes, me senti julgada, porque como eu não tenho nenhum sotaque brasileiro quando eu falo espanhol, as pessoas não, às vezes rolava um julgamento assim. [...] Aí eu falei assim ‘Por que você tá decepcionado?’, ele falou assim ‘Nossa, porque eu amo o sotaque brasileiro, e você não tem nenhum. Eu não acredito’ e não sei que. Tipo, triste, ele tava triste. Ele falou assim ‘Como que você não tem o sotaque brasileiro?’, não sei o que, e eu ‘Desculpa?’.” (E2)

Quadro 9 - Subtópico 1 de Uso das Línguas Estrangeiras

Na primeira fala, a estudante E2 contou como, em alguns momentos se sentiu julgada por conta da “falta de sotaque” ao se comunicar na língua espanhola.

Ela narrou um episódio durante o seu intercâmbio, quando ao encontrar um senhor porto-riquenho, teve uma reação inesperada por parte do homem. Ele se disse muito decepcionado com o fato de que ela não possuía o sotaque brasileiro que ele tanto apreciava.

No dizer de Rajagopalan (2013, p.67), “sempre se fixou como meta para os esforços didáticos nada mais nada menos que a aquisição de uma competência perfeita, entendendo-se

por competência perfeita o domínio que o falante nativo supostamente possui da sua língua” . Porém, cada idioma possui as suas sonoridades e fonemas, e por muitas vezes eles se apresentam entre uma palavra ou outra quando estamos falando em uma língua estrangeira. Isso pode se encaixar numa situação que é muito comum, por exemplo, quando alguém pergunta “Você por acaso é do Brasil? O sotaque te entregou!”.

Em nossas recordações do intercâmbio, também enumeramos centenas de momentos nos quais encontramos algum brasileiro e, quando tentamos falar em outro idioma, eles logo identificaram que nós também éramos brasileiras.

Porém, na situação lembrada pela estudante E2, observamos claramente uma reação a algo que parece inesperado, até mesmo inatingível: um brasileiro falando espanhol sem sotaque, uma vez que, como comenta Mendonça (2013), em um de seus escritos, que até mesmo o aclamado Barão do Rio Branco, sentia com relação à língua espanhola “essa grande dificuldade, que sentimos todos os brasileiros: sua extraordinária semelhança com a língua portuguesa” (MENDONÇA, 2013, p.180).

Por também sermos alunas do curso LEANI e passarmos pelo processo de aprendizado das línguas estrangeiras, assim como os participantes deste estudo, temos consciência de que cada estudante trilha um caminho muito individual dentro do desenvolvimento da capacidade de se comunicar em um idioma distinto do nosso. Trata-se tanto de uma questão de dedicação e esforço como também do princípio de que existe um interesse em aprender tal idioma, por identificação cultural, aspirações profissionais, entre outros motivos.

Pensando dessa forma, a aluna se encontrou diante de uma situação que seria lisonjeira para qualquer estudante que se dedica a aprender um idioma estrangeiro: um falante que nativo não consegue identificar a sua nacionalidade, já que não percebe nenhum sotaque característico de alguma região ou país enquanto a estudante se comunica em espanhol com ele. Porém, a situação se torna incômoda a partir do momento no qual o senhor porto-riquenho se sente desapontado por encontrar uma brasileira que não deixa transparecer o sotaque, que ele afirmar amar, quando fala espanhol.

Poderíamos dizer, então, que se espera do brasileiro que sempre se comunique em uma língua estrangeira deixando transparecer a sua origem por meio do sotaque, já que “nenhum falante não-nativo jamais pode sonhar em adquirir um domínio perfeito do idioma” (RAJAGOPALAN, 2013, p. 67)? Ou que a maioria dos brasileiros sempre se comunique com

sotaque quando fala espanhol, ou utilize o “portunhol”¹⁶, portanto é decepcionante quando se encontra uma brasileira que não tenha o sotaque da grande maioria?

Da mesma maneira como o senhor se decepcionou, outros hispano falantes poderiam ficar maravilhados com o fato de a estudante falar um espanhol tão próximo ao seu ou de outra variação do idioma. Por isso, nesse episódio também podemos comprovar como as interações interculturais são únicas e, algumas vezes, tão pontuais. Enfim, dentro dessa fala poderíamos listar muitos questionamentos e tentar compreendê-los adotando diferentes vieses, obtendo infinitas possibilidades dentro do universo das identidades culturais.

Gostaríamos de fazer uma ressalva sobre o ensino de línguas estrangeiras, que, apesar de por muito tempo ter valorizado a figura do falante nativo, aprendemos no decorrer de nossa formação, durante as aulas de estudos da linguagem e identidades culturais, que seu “verdadeiro propósito [...] é formar indivíduos capazes de interagir com pessoas de outras culturas e modos de pensar e agir. Significa transformar-se em cidadãos do mundo”(RAJAGOPALAN, 2013, p. 70).

5.5 ANÁLISE CATEGORIA HÁBITOS E ADAPTAÇÃO

A questão da adaptação ao país destino nos gerou a curiosidade de entender até que ponto a experiência da mobilidade internacional impactou os nossos hábitos. Ao perguntar sobre isso aos nossos entrevistados, queríamos entender se eles mantiveram os mesmos costumes que tinham no país de origem ou se a integração com os estrangeiros teria influenciado suas atividades rotineiras ou até mesmo a alimentação. Hall, por exemplo, apresentou em seu livro “Da Diáspora” (2003) o caso dos barbadianos, que mantiveram durante o exílio seus hábitos e costumes como uma tentativa de preservar sua identidade cultural nacional (HALL, 2003). E nós enxergamos, também, uma possibilidade inspirada pelo conceito de Homi Bhabha de entre-lugares, que “fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade” (BHABHA, 1998, p.20). Ou seja, em menor escala, seria a adaptação da identidade cultural dos intercambistas em consequência da interação com os estrangeiros,

¹⁶ “Os chamados ‘portunhol’, ‘franglais’, ‘spanglish’ são exemplos concretos da realidade lingüística (sic) do mundo de hoje. São línguas mistas em constante processo de evolução [...]”(RAJAGOPALAN, 2013, p. 68), mas ainda são reconhecidas pelo público geral como incorretas, sendo os brasileiros falantes do “portunhol”, por exemplo, mal vistos por não apresentarem domínio da variante padrão da língua espanhola.

gerando uma nova identidade individual nem brasileira nem do país no qual estavam realizando a mobilidade internacional.

5.5.1 Adaptação Ao País Destino e Alimentação

Adaptação ao país destino
Foi uma realidade muito diferente da que eu vivo aqui no meu dia-a-dia. Eu sempre vivi em cidade grande, nasci e cresci em cidade grande como o Rio de Janeiro. Indo pra lá, viver 6 meses em uma cidade pequena já era algo que eu não sabia como seria, estando lá já vi essa diferença, mas eu gostei porque eu achava que lá as pessoas...tem isso de todo mundo se conhece, é bom por um lado só que também é ruim por outro porque se você quiser ser mais livre, é [...].” (E1)
“Falando sobre essa questão da mudança, assim, de cenário de uma cidade grande pra uma cidade pequena, você achou que seus hábitos mudaram, sua rotina? O que você faz aqui e o que você fazia lá?” Não, eu não senti isso. [...] Acho que eu senti que eu saía mais lá do que aqui. Não sei se é porque lá eram 6 meses e aqui é a minha vida de verdade.” (E1)
“Quando eu fui pra lá, eu não fiquei tenso nem nervoso com a minha adaptação no dia-a-dia. Eu achei pelo contrário, que eu ia me adaptar muito bem, e foi o que aconteceu, que eu não ia ter problema com isso. O único nervosismo que eu tinha era de ‘ah, eu tô indo pro lugar que eu não conheço nada, eu vou ficar longe de todo mundo’. Essa era a preocupação, eu nunca tinha ficado longe da minha família, dos meus amigos. Ia ser a primeira vez nisso, morando sozinho, no sentido de ‘tenho que ter minhas responsabilidades, arcar com despesas, com conta, dinheiro, tudo isso’. Aí esse foi o único problema. Mas a adaptação cultural, do dia-a-dia, não tive problema lá.” (E1)
“No começo, tipo, nas primeiras duas semanas bateu aquela coisa emocional do tipo ‘Ai, minha família, meus amigos, eu não conheço ninguém’. Aquela coisa meio triste, não sei o que.” (E2)
“[...] a gente se acostuma muito rápido com outras questões, como segurança, como horários, tipo o ônibus está lá às 15:33, sabe? [...] Então, assim, eu acho que a gente se acostuma muito rápido com essas coisas, com essas facilidades, com essas coisas boas.” (E2)
“Em relação aos hábitos e adaptação, como eu acho que eu já sou mais velha, já moro sozinha, eu não senti tanto esse impacto.” (E3)
“Portugal foi, principalmente porque a língua era a mesma, muito mais tranquilo, era só a burocracia diferente, tudo é muito diferente, mas nada que não seja adaptável. E na França, é a adaptação com a língua.” (E3)
Alimentação
“E, quanto à comida, foi complicado. Assim, eu não sou, eu não vou dizer que assim ‘Ah, eu sou chata pra comer’. (risos) Não sou chata, mas, assim... Como... Eu levei um tempo pra entender. Eu até tive que perguntar pras meninas e tal. Quando eu fui era inverno, né, era inverno, outono-inverno, ali entre setembro e fevereiro. E eu tive que entender, com as meninas da residência que, por ser inverno, todas as comidas eram mais pesadas e com mais,

é, gordura, e com mais óleo, exatamente pra você aguentar o inverno.” (E2)

“Na residência que eu fiquei ano passado, o interessante era isso, porque como a gente tinha a pensão completa, eu não cozinhava, eu comia o cardápio da semana, que eles colocavam. E você tinha que se adaptar, porque o co... O refeitório, né, comedor é espanhol. (risos) O refeitório, ele tinha horário pra abrir pra cada refeição.” (E2)

Nossos entrevistados relataram, principalmente, questões mais sentimentais associadas a adaptação. A saudade de casa, da família, dos amigos, foi um tópico recorrente quando questionados a respeito desse processo. As responsabilidades consequentes de se estar morando sozinho também foram indicadas como um primeiro desafio.

O estudante E1 citou, mais especificamente, a sua transição de uma cidade grande para uma cidade pequena e indicou benefícios e malefícios dessa nova realidade que também foi vivenciada por nós. O fato de quase todos os habitantes se conhecerem passa uma sensação de segurança ao mesmo tempo em que inibe por receio dos julgamentos e boatos que podem ser facilmente disseminados nesse tipo de ambiente.

A aluna E2 citou adaptações positivas, como a pontualidade dos transportes públicos, e outras mais delicadas, que foi o caso da alimentação. Ela teve que se adaptar aos horários das refeições e a receitas às quais não estava habituada, mas que ela compreendeu que eram feitas da forma que eram com o propósito de auxiliar no isolamento térmico no clima frio do outono-inverno europeu.

Já a intercambista E3 não relatou as mesmas dificuldades emocionais do primeiro momento da mobilidade que os outros dois trouxeram, pois já havia tido a experiência de morar sozinha, longe da família, logo não era uma novidade. A única coisa que ela precisou se adaptar durante seu período em Portugal foi a burocracia, diferente da brasileira, e, na França, o maior obstáculo foi a língua.

De maneira geral, nenhum dos entrevistados narrou grandes mudanças em seus hábitos ou costumes pessoais. O estudante E1 inclusive utilizou uma frase que nos fez refletir sobre esse comportamento quando questionado sobre as mudanças em seus hábitos durante o intercâmbio. Ele respondeu que não sentiu nenhuma alteração significativa e divagou que poderia ser “porque lá eram 6 meses e aqui é a minha vida de verdade”. Ou seja, ele classificou o período em mobilidade internacional como um momento a parte de sua vida, não uma continuação da sua vida no Brasil, que seria sua “vida de verdade”.

Seguindo essa linha de raciocínio, poderíamos dizer, nesse caso, que nenhuma das possibilidades que apresentamos no início do tópico se encaixa, pois não houve um esforço

consciente para se manter a identidade brasileira preservada, nem uma tentativa de adaptação aos hábitos do novo ambiente.

5.6 ANÁLISE CATEGORIA RETORNO AO BRASIL

Depois de conversar sobre o processo de adaptação com os nossos entrevistados, também nos despertou interesse em saber como foi o processo inverso: a readaptação à realidade brasileira. Questionamo-nos se o nível do envolvimento com a nova cultura traria empecilhos ao retorno à antiga realidade de cada um ou se seria um processo natural, já que se tratava do nosso lar.

5.6.1 Readaptação

Readaptação
“Só que pra voltar, eu tive problemas pra voltar pra cá. Porque eu já não gosto do Brasil, eu não gosto do Rio de Janeiro e de lá eu gostei muito, gostei da minha vida lá, da cultura de lá, da cidade, do jeito como eles vivem e aí comparando com o jeito que eu vivo aqui, o geral de como se vive no Brasil, no Rio de Janeiro, eu tive problemas de adaptação eu chorei nas primeiras semanas, eu lembrava, a questão de transporte público também, segurança. Tudo isso foram questões de adaptação que... os problemas que eu tive, mas eu também acho que eu ainda não superei esses problemas, porque eu sei que como eu sempre tive, então só indo pra lá e voltando, esses problemas só aumentaram, esses conflitos meus com o Brasil, com o Rio de Janeiro.” (E1) “Então, quando eu voltei, eu fiquei meio assim ‘Eu não acredito que eu tenho que sair de casa uma hora e meia antes, porque eu não sei que horas vai passar meu ônibus’, sabe? ‘É, eu não acredito que eu vou ter que ir em pé nessa porcaria, porque... E passar mal no ônibus. E, ah, eu não posso sair depois de 21:30, 22h sozinha, não...’, sabe?. É, eu me desacostumei com essas precauções, que a gente converteu em naturais, né. Então, foi difícil, assim. Eu fiquei um tempo meio triste com a vida. Eu acho que eu fiquei, tipo assim, eu fiquei umas duas semanas que eu só dormia, não fazia mais nada. Eu acordava, comia, dormia. Acordava, dormia e nada mais. E aí, eu comecei de novo a ir pra faculdade, não sei o que, mas assim não tava feliz. Eu tava tipo assim ‘Eu vou fazer as coisas, mas assim, não quero ficar aqui não, porque não tá maneiro’. (E2) Uhum. E nessa, nesse ponto que você falou, como é que foi essa readaptação quando você voltou pro Brasil? Você ficou pouco tempo aqui, no final das contas, né. Mas como foi essa readaptação? Horível. (risos) Depressão. Uma depressão pós-Europa. Que eu falei que a gente tinha que ter criado um grupo, de apoio emocional. Porque, assim, a gente demora a se adaptar com questões mais culturais, do tipo uma comida, um horário, um jeito deles falarem.” (E2) “Eu senti uma mudança na minha forma de pensar, eu voltei diferente da França de quando eu voltei de Portugal. Foi bem diferente a experiência, foram experiências completamente

diferentes e eu demorei um pouco pra “voltar” depois que eu voltei da França, eu não senti isso quando eu fui pra Portugal. Eu acho que foi assim realmente a língua alterando alguma coisa, não sei se tem alguma explicação [...]” (E3)

Quadro 12 - Subtópico 1 de Retorno ao Brasil

Nesse momento da entrevista os alunos E1 e E2 trouxeram dores similares. Para eles, a qualidade de vida que tiveram durante a mobilidade, principalmente no que tange à segurança e aos transportes públicos, fez com que voltar à realidade brasileira fosse difícil, frustrante a ponto de causar reações que eles classificaram como depressivas.

No caso do primeiro estudante, ele já possuía questões pessoais em relação ao Rio de Janeiro e ao Brasil, no sentido de desgostar de uma forma geral de ambos, que só pioraram quando teve uma nova experiência com a qual comparar todos os defeitos que enxergava em nossa cidade e no nosso país.

A entrevistada E3 trouxe um ponto de vista do desenvolvimento pessoal que ela percebeu em si graças às experiências de mobilidade. O retorno de Portugal, segundo ela, foi diferente do da França, após o qual ela sentiu alguma diferença em sua forma de pensar, talvez por impacto da diferença linguística.

5.7 ANÁLISE CATEGORIA O PAPEL DE “EMBAIXADOR BRASILEIRO”

Encerramos as entrevistas perguntando aos participantes se eles se sentiram como embaixadores brasileiros durante o intercâmbio e como foi essa experiência. Um dos pontos que queríamos observar era se eles passaram por alguma situação em que tenham apresentado alguma das características que Nicolson (1994) associou a um diplomata, como saber reagir face a alguma opinião extrema ou desinformada e fugir de embates diretos. Percebemos que comentários passíveis de serem incluídos nessa categoria foram feitos em diversos momentos das entrevistas, entretanto escolhemos focar em excertos nos quais os participantes apontassem situações e reações que entenderam como similares às de um embaixador e não que nós, enquanto observadoras, classificássemos como tal.

5.7.1 Situações Nas Quais Se Sentiram Nesse Papel

Situações nas quais se sentiram nesse papel
“Então, acho que essa vai ser a pergunta, assim, mais fechada da conversa que a gente tá tendo, porque faz parte um pouco da nossa pesquisa. E, nesses momentos, assim, que você, você se sentia, assim, como um meio pra comunicar e esclarecer o que é realmente o Brasil, como se fosse uma embaixadora mesmo, você tá levando a representatividade brasileira, de certa forma?” Sim, um momento de iluminação na vida dessa pessoas. Pelo amor de Deus. (risos) Nossa, não, com certeza. Tipo, eles me perguntavam, eles ficavam assim ‘Ah, posso fazer uma pergunta?’. Tipo, assim ‘Ah, não quero ser chato, mas eu queria saber’ e tal, não sei o que. E eu falava ‘Não, pergunta! Porque, provavelmente, você tá precisando desse momento de conhecimento na sua vida’. Porque eu acho que eles têm uma visão muito, assim, exótica. Tipo, Brasil, um país exótico. É um Brasil com animais exóticos, com comidas exóticas, com tudo exótico, as pessoas são exóticas, e eu assim ‘Hum, tem uma coisa ou outra, amor, mas é uma mais normal, entendeu?’ (E2)

Quadro 13 - Subtópico 1 de O Papel de “Embaixador Brasileiro”

Depois da aluna E2 narrar alguns episódios em que desconstruiu estereótipos que os estrangeiros tinham do Brasil ou dos brasileiros, perguntamos se ela se sentia uma representante brasileira nesses momentos e a resposta foi positiva. Ela nos contou que se dispôs a responder às perguntas feitas a ela sobre nosso país e incentivou as pessoas de outras nacionalidades a questionarem mais. Assim, segundo ela, ela estaria levando conhecimento para essas pessoas e possibilitando uma visão mais fiel do Brasil.

5.7.2 Exercício Não Proposital Do Papel De Embaixador

Exercício não proposital do papel de embaixador
“Dessas situações todas que você viveu, algumas que você relatou aqui, você se sentiu um representante brasileiro? Como se estivesse nessa posição, assim?” Partindo de mim, eu não me senti um representante brasileiro, eu não fui lá pensando ‘ah, eu sou um representante brasileiro, vou ser um representante brasileiro’. E eu também nem queria ser. Mas acho que eu fui obrigado a ser pelas circunstâncias (risos) porque tipo ‘ah, eu sou brasileiro’ e as pessoas chegavam pra mim e já falavam. Aí como eu sou brasileiro e eu sei da cultura, tenho essa cultura, e aí eu tinha que desconstruir esses estereótipos que muitas vezes surgiam quando olhavam pra mim e falavam alguma coisa. Ou quando tinha que explicar alguma coisa aqui do Brasil, como eu falei essa questão de segurança, por exemplo. Tinha que falar ‘olha, não é bem assim, não é tudo como você tá pensando, existem outros fatores’. Então eu não me considero um representante, um embaixador do Brasil. Mas como, ali as pessoas vinham e falavam, eu tentava mostrar como era a realidade aqui. Você de alguma forma teve em certas situações esse papel, mas não era seu objetivo,

né? Foi uma coisa natural.

Não é tipo “gente, vamos fazer uma festa Rio de Janeiro culinária do Rio, feijoada, Bahia”, não, eu evitava isso, não era esse tipo de representação que eu levava pra lá, eu nem queria levar isso. Mas diante das conversas, circunstâncias, comportamentos, eu assumia esse papel, pra explicar ali, porque eles chegavam e falavam assim ‘você é brasileiro, então...’ já me colocavam em algum papel de explicar por estar inserido nesse meio brasileiro.” (E1)

“E como você se sentia com esse papel de, nesse papel realmente de desconstrução e tal? Você abraçou essa coisa de ser a “embaixadora” do Brasil ou uma hora cansava também, ou, como é que você realmente se sentiu com esse papel?”

Eu gostava. Assim, eu não me incomodo. Eu acho que, assim por mais que eles ficassem um pouco surpresos quando eu falava que eu, eu recomendava a eles irem pro Brasil, mas que eu não queria ficar lá, eles não entendiam, porque, principalmente aqui, eles tem um sentimento muito patriótico, então, tipo assim, ‘Ah, eu adoro viajar, mas eu nunca vou deixar a Espanha’, ‘Ah, eu amo a cidade tal, mas eu vou sempre voltar pra cá, porque é meu país’ e não sei que. Eu falar pra eles que eu não tinha isso, eles ficavam um pouco assim, ‘Ué mas, mas como assim, nao era maravilhoso?’. E eu ficava sempre assim tentando explicar, né. Eu falava ‘Não, mas não é que não seja ótimo. É bacana, vai lá, conhece! Super apoio! Te apresento os lugares e tal, mas eu, particularmente, prefiro outras coisas’, ponto. Mas nunca me incomodei assim de falar, de explicar e tudo o mais.” (E2)

“Porque no começo, eu nem falava que eu era do Brasil. As pessoas me perguntavam, como eu não tenho sotaque, eu falava assim ‘ah, que que se acha?’ (risos) Aí, ficava a pessoa assim meia hora tentando descobrir, falar todos os países da América do Sul, e não sei que. Aí, tipo, depois de meia hora, eu falava assim ‘Ah, então, você lembra daquele outro? O grande?’ (risos) ‘Então, é. Sou de lá’. Aí ficava aquele choque ‘Oh, meu Deus do céu’. Mas, por exemplo, dessa vez que eu tô aqui, eu já falo ‘Ah, dá onde você é?’, ‘Ah, Brasil. Sou do Brasil sim. Sou do Rio. É bacana. Pergunta aí, quê que você quer saber?’, e já, é, me sinto um pouco mais, não sei orgulhosa, mas assim mais ok com o fato de tipo ‘Não, sou, sou do Brasil mesmo. Vou falar, vou falar do meu país, porque não tem muito que fazer, né? Então, vou falar’.” (E2)

“Então, voltando a ideia da pergunta, sim, me sinto bem e gosto, hoje, de falar. No começo, não, mas hoje eu já me sinto mais relaxada, já gosto de, tipo, explicar e tirar da cabeça das pessoas essas ideias mirabolantes do quê que é, do que que não é. Sabe? Como que funcionam as coisas no ‘Mundo América. Oh , mundo desconhecido’ (risos).” (E2)

“Você diria que você foi uma embaixadora do Brasil nessas experiências em que você tava ali se esforçando pra desconstruir essas noções erradas ou foi só uma coisa que naturalmente aconteceu e você só continuou respondendo as perguntas das pessoas?”

Eu acho que foi algo natural, assim [...]” (E3)

Quadro 14 - Subtópico 2 de O Papel de “Embaixador Brasileiro”

A partir das entrevistas realizadas, pudemos notar que foi consensual a percepção da espontaneidade do papel de “desconstrutor” de estereótipos acerca do Brasil e do brasileiro. Os participantes apresentaram uma postura passiva ou reativa no que tange a representação de

nosso país, apenas respondendo a questionamentos feitos por estrangeiros. Nenhum deles atuou de forma completamente consciente, proposital, nesse sentido.

O estudante E1, por exemplo, que em outros momentos da entrevista deixou claro que a sua prioridade durante o intercâmbio era “fugir” da “bolha brasileira” e de tudo o que ele já fazia no país de origem, o papel de embaixador surgiu para ele como uma obrigação ocasionada pelas circunstâncias. Apesar de não se considerar um representante de seu país, ele narrou diversos momentos em que apresentou as características de um diplomata citadas anteriormente. Ele poderia ter ignorado os questionamentos alheios sobre o Brasil ou reiterado os estereótipos, mas sentiu a necessidade de desconstruí-los e mostrar a nossa realidade às pessoas que a desconheciam.

Já a aluna E2 demonstrou apreço ao papel de embaixadora. No começo de seu intercâmbio, por não possuir sotaque brasileiro falando espanhol e não se encaixar nos estereótipos estéticos de brasileira, ela não era rapidamente reconhecida como tal e também não assumia sua nacionalidade em um primeiro momento. Entretanto, em sua segunda ida à Espanha, ela já assumiu uma postura diferente, se apresentando como brasileira e se dispondo logo de início a responder aos questionamentos das pessoas sobre o nosso país. Segundo ela, passou a sentir mais orgulho de ser brasileira.

Entretanto, assim como o estudante E1, ela não queria continuar no Brasil e essa informação pareceu conflitante aos olhos dos estrangeiros a quem falou muitas coisas boas do país também. A interpretação dela foi que os espanhóis são muito patrióticos, sempre vão querer voltar a sua nação, e, por isso, não conseguiam assimilar os seus motivos para desejar sair de seu país de origem.

A intercambista E3 teve uma opinião parecida com os dois primeiros. Para ela, também se tratou de um processo natural, ou seja, o papel de embaixadora aconteceu espontaneamente em decorrência dos questionamentos das pessoas a sua volta e a sua necessidade de desconstruir as noções erradas que possuíam.

6 CONCLUSÃO

Desde a concepção do nosso trabalho de conclusão, tínhamos em mente que gostaríamos de trabalhar com um tema que estivesse ligado a nossa experiência universitária.

Por meio dessa monografia, conseguimos não só documentar as nossas experiências de intercâmbio, como também adicionamos narrativas de outros colegas de curso, e ainda pudemos refletir conjuntamente sobre as consequências e os impactos dessas vivências em nossas trajetórias acadêmicas e pessoais.

Sabemos que o intercâmbio universitário continua sendo um “privilegio” para um reduzido número de pessoas dentro do sistema acadêmico. E por mais que o foco da nossa pesquisa não seja problematizar as causas dessa ocorrência, vez ou outra pontuamos a nossa percepção desse fato e também como isso afeta as instituições e seus alunos.

Temos consciência de que o intercâmbio é uma grande oportunidade para qualquer estudante universitário. E, justamente, por acreditar nessa premissa, esse trabalho, independente de filiações partidárias ou favoritismos políticos, tem a função de manifestar apoio ao retorno de programas governamentais que proporcionem e facilitem esse tipo de atividade acadêmica. Isso é necessário para as nossas instituições de ensino superior e, logo, para os nossos estudantes, professores e pesquisadores. É por meio desse tipo de trabalho que conseguimos documentar o número de profissionais que a internacionalização acadêmica mobiliza, instigando dessa forma medidas práticas por parte dos nossos governantes.

Por esse motivo, também incluímos neste trabalho informações sobre a ASCRI, departamento responsável pela distribuição das bolsas para intercâmbio estudantil, além de promover mobilidade de estudantes estrangeiros para o CEFET/RJ, e promover palestras e reuniões para conscientização dos alunos sobre as oportunidades de estudo no exterior. Como antigas estagiárias do setor, pudemos aprender muito mais sobre internacionalização acadêmica, além de multiplicar as nossas experiências, já que também auxiliamos muitos estudantes com relação à preparação para o intercâmbio.

Porém, a nossa experiência de intercâmbio e a nossa experiência de estágio, não seriam uma realidade sem o Bacharelado LEANI.

O LEANI proporciona a segurança intelectual e teórica necessárias para que o aluno busque uma experiência no exterior. O estudo de Identidades Culturais, por exemplo, é determinante no reconhecimento dessas trocas identitárias e na adaptação a uma nova cultura. Sem contar o ensino das línguas estrangeiras, que facilita bastante a comunicação do estudante, dependendo de para onde esteja viajando.

Um dos nossos objetivos com o trabalho era também registrar como o Bacharelado LEANI têm se desenvolvido e como a formação dos alunos está sendo construída, não só através das cadeiras acadêmicas e dos estudos teóricos, como também as experiências práticas de aprendizado que o curso proporciona aos seus estudantes.

Concluímos, baseadas em nossa própria concepção dos intercâmbios que realizamos, nas narrativas dos participantes da pesquisa e nas reflexões consequentes das entrevistas de nossos colegas de curso, que nenhum dos estudantes ingressou na experiência no exterior considerando-se um “embaixador” do Brasil ou aquele que seria o “divisor de águas” para todos os estrangeiros que necessitassem ou solicitassem quaisquer esclarecimentos com relação a nossa cultura.

Porém, também é possível afirmar que, espontânea e involuntariamente, foi exatamente o que cada um desses estudantes veio a se tornar no decorrer do período de mobilidade. Isso quer dizer que eles exerceram, em alguns momentos, um papel representativo de sua cultura, o que se relaciona com um viés dos profissionais da diplomacia. Portanto, independentemente da vontade de cada aluno entrevistado, todos exercitaram uma espécie de papel de “embaixador” brasileiro, incluindo nós mesmas. Mesmo que de maneira inconsciente, todos os alunos que participaram deste estudo relataram situações nas quais foram um instrumento de representatividade da cultura brasileira, com o objetivo de esclarecer, ensinar e passar o seu conhecimento para os colegas estrangeiros, ainda que no momento de suas mobilidades os entrevistados não tivessem percebido essa postura de “embaixadores” do Brasil, ao narrar suas experiências.

Além das intenções e impactos do nosso trabalho pontuados acima, precisamos destacar a importância dele para nós, enquanto autoras. Podemos dizer que se tratou de uma experiência catártica, uma vez que pudemos registrar aprendizados acadêmicos, profissionais e pessoais. A oportunidade de aplicar nossos conhecimentos adquiridos em sala de aula, durante nossos estágios e intercâmbios foi, não só prazerosa, como também recompensadora. Pudemos observar nossas vivências e as de nossos colegas por um novo ângulo, e diversas reflexões surgiram quase que inconscientemente durante esse processo, o que nos fez ter a certeza de que internalizamos boa parte dos conceitos vistos durante nossa formação e do quanto evoluímos enquanto pesquisadoras e cidadãs do mundo. Levando esse raciocínio em consideração, entendemos que o LEANI muito contribui para que um estudante aja como embaixador da identidade cultural brasileira no exterior, uma vez que suas disciplinas e equipe nos influenciam de forma a absorver, ainda que indiretamente, noções e atitudes típicas de um diplomata.

Entretanto, gostaríamos de salientar que não pretendemos afirmar que o aluno LEANI, exclusivamente, é um embaixador ou se porta de acordo com as funções de um. Durante seu período de mobilidade internacional, todo intercambista, independente da formação, provavelmente vivenciará seu próprio processo de adaptação, enfrentamento de preconceitos, constatação de estereótipos, reflexões sobre seu próprio país por um novo ângulo, etc. Portanto, acreditamos que qualquer estudante brasileiro no exterior pode ser um representante de sua cultura. Nossa predileção pelo foco no LEANI está vinculada mais a questões práticas, já que por estarmos incluídas nesse universo seria mais simples concatenar insumos e analisá-los como observadoras-participantes, como também à constante necessidade de representatividade por se tratar de um bacharelado recente e com pouca documentação de seu desenvolvimento.

Concluimos esse trabalho, então, com uma grata sensação de dever cumprido e com esperanças de continuar nossa trajetória acadêmica e profissional de forma a complementar nossos aprendizados e contribuir para que mais pessoas possam ter experiências como as nossas.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. A. A educação dos Brasileiros & o Estrangeiro: breve histórico da internacionalização do estudos no Brasil. In: **Brasiliana - Journal for Brazilian Studies**. Vol. 1, n. 1, pp. 44-65, Sept. 2012.
- ANDRADE, A. M. J. d.; TEIXEIRA, M. A. P. Adaptação à universidade de estudantes internacionais um estudo com alunos de um programa de convênio. In: **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, v. 10(1), pp. 33-44, 2009.
- ALVAREZ, M. L. O. (Des) Construção da Identidade Latino-Americana: Heranças do Passado e Desafios Futuros. In: **Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades**. s.p. (UnB), 2010.
- ALVEZ, Z. M. M. B.; SILVA, M. H. G. F. D. d. Análise Qualitativa de Dados de Entrevista: uma proposta. In: **Paideia**, FFLCRP - USP, Rib. Preto, n.2, pp. 61-69, Fev/Jul, 1992.
- ARAGÃO, R. Emoções e pesquisa narrativa - transformando experiências de aprendizagem. In: **Rev. Brasileira de Lingüística Aplicada**, v. 8, n. 2, pp. 295-320, 2008.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. SP: Edições 70, 2011.
- BASTOS, L. B. Narrativa e vida cotidiana. In: **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, pp. 118-127, 1º sem. 2004.
- _____. Contando histórias em contextos espontâneos e institucionais - uma introdução ao estudo da narrativa. In: **Calidoscópio**, v. 3, n. 2. Ed. Unisinos, pp. 74-87, 2005.
- BASTOS, L. B.; SANTOS, W. S. d. (orgs.). **A entrevista na pesquisa qualitativa** - Rio de Janeiro : Quartet : Faperj, 2013.
- BHABHA, H. K. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.
- BLIKSTEIN, I. **Técnica de comunicação escrita**. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- CANNEL, C. F.; KAHN, R. L. Coleta de dados por entrevista. In: FESTINGER, L.; KATZ, D. **A pesquisa da psicologia social**. Rio de Janeiro, EFGV, 1974.
- DAMATTA, R. **Carnavais, Malandros e Heróis**: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro. 6ª edição Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- _____. **Tocquevilleanas**: notícias da América; crônicas e observações sobre os Estados Unidos. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- FARAGO, C. C.; FOFONCA, E. **A análise de conteúdo na perspectiva de Bardin**: do rigor metodológico à descoberta de um caminho de significações. *Revista Linguagem*, 18, 2012.

GUBRIUM, J.; HOLSTEIN, J. The private image: experiential location and method in family studies. In: **Journal of Marriage and the Family**, v. 49, pp. 773-789, 1987.

HALL, S. **Minimal Selves**. In: Identity: The Real Me. ICA Document 6. Londres: Institute for Contemporary Arts, 1987.

_____. **Da Diáspora** : Identidades e mediações culturais / Stuart Hall; Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. - Belo Horizonte : Editora UFMG; Brasília : Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade** / Stuart Hall: tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaraçira Lopez Lauro - 11. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOGGART, R. **The Uses of Literacy**. Londres: Chatto & Windus, 1957. [As utilizações da cultura: aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. Lisboa: Presença, 1973].

HOLANDA, S. B., 1902-1982. **Raízes do Brasil** / Sérgio Buarque de Holanda. - 26.ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

McGREW, A. A global society?. In: Stuart Hall; David Held e Tony McGrew (orgs.). **Modernity and its futures**. Cambridge: Polity Press/Open University Press, pp. 61-116, 1992.

MENDONÇA, R. **História da política exterior do Brasil** : do período colonial ao reconhecimento do Império (1500-1825) / Renato Mendonça. - Brasília : FUNAG, 2013.

MENEGON, L. F. **Gestão em ambientes multiculturais** / Letícia Fantinato Menegon, Germano Glufke Reis, Gilberto Sarfati. -- São Paula : Atlas, 2013.

MERÇON, A. B., RODRIGUES, M. F. e SANTOS, N. Diversidade e Internacionalização da Educação: os Estudantes Brasileiros em Portugal. In: **Revista Contemporânea de Educação**, v. 7, n.13, pp. 175-193, 2012.

MISHLER, E. **Storylines: Craftartists' of Identity**. Cambridge, Massachusetts and London: Harvard University Press, 1999.

MODOOD, T.; BERTHOUD, R. et al. (Ed.). **Ethnic Minorities in Britain** Diversity and Disadvantage. London: Policy Studies Institute, 1997.

Narcos [seriado]. Direção: Andrés Baiz; Fernando Coimbra Guillermo Navarro; José Padilha. Produtora Netflix, 2015.

NICOLSON, H. **La Diplomacia**. Editora FCE, 3ª Ed., 1994.

NOGUEIRA, M. A. Uma dose de Europa ou Estados Unidos para cada filho: estratégias familiares de internacionalização dos estudos. In: **Pro-posições**, Campinas, v.9, n.1(25), pp.113-131, Mar. 1998.

NOGUEIRA, M. A. et al. Fronteiras Desafiadas: a internacionalização das experiências escolares. In: **Revista Educação e Sociologia**, Campinas, v.29, n.103, pp.355-376, Maio-Ago. 2008.

NORTE, A. L. **Alfonso Reyes** - mexicano, intérprete do Brasil. Ed. 7 Letras, Rio de Janeiro, 2013.

NORTE, A. L. ; SILVA JÚNIOR, A. F. . Uma experiência de internacionalização no Cefet/Rj: a criação do Bacharelado em Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais. In: COELHO, I.M.W.S. (org.). **A internacionalização na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica: fundamentos, ações e perspectivas**. 1ed.,Campinas, SP: Pontes Editores, v. 1, pp. 99-113, 2018.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial. ISBN 85- 88456-13-3. 2003.

REYES, A. *Análisis de una pasión*. In: **Vida y ficción**. Edição e prólogo de Ernesto Mejia Sanchez. Letras Mexicanas 100. México: Fondo de Cultura Económica, 1970.

_____. **Misión Diplomática**. Tomo II. Compilación y prólogo de Víctor Díaz Arciniega. México: Secretaria de Relaciones Exteriores: Fondo de Cultura Económico, 2001.

_____. **Obras Completas de Alfonso Reyes**. Tomo VIII. México : Fondo de Cultura Económica, pp. 487, 1958.

Rio. Direção: Carlos Saldanha. Produção: Chris Wedge. Intérpretes: Anne Hathaway; Jesse Eisenberg; Will.I.Am; Jamie Foxx e outros. Roteiro: Don Rhymer; Joshua Sternin; Jeffrey Ventimilia e Sam Harper. Música: Sergio Mendes. Produzido por *Blue Sky Studios* e *20th Century Fox*, 2011

RODRIGUES, N. Complexo de vira-latas. In: **Revista Iátrico** 34, 2014.

ROLLEMBERG, A. T. V. M. Entrevistas de pesquisa: oportunidades de coconstrução de significados. In: BASTOS, L. C.; SANTOS, W. S. (orgs.). **A entrevista na pesquisa qualitativa**. Rio de Janeiro: Faperj, pp. 37-46, 2013.

SANTOS, W. S. d. Níveis de interpretação na entrevista de pesquisa interpretativa com narrativas. In: BASTOS, L. C.; SANTOS, W. S. (orgs.). **A entrevista na pesquisa qualitativa**. Rio de Janeiro: Faperj, pp. 21-35, 2013.

SCHWARZ, B. Conservatism, nationalism and imperialism. In: DONALD, J.; HALL, S (orgs.). **Politics and Ideology**, Milton Keynes: Open University Press, 1986.

SENHORAS, E. M. O Papel da Internacionalização das Universidades e a Projeção da Cooperação Internacional do Mercosul In: **Anais do III Seminário Internacional Ciência e Tecnologia na América Latina**, Campinas : Unicamp, 2006.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. Análise de Conteúdo: Exemplo de Aplicação da Técnica para Análise de Dados Qualitativos. In: **Qualit@s Revista Eletrônica**. Vol.17, No. 1, pp. 1-14, 2015.

SOUZA, J. M. d. J. A Internacionalização e a mobilidade na Educação Superior: O debate na América Latina. In: **Revista de Iniciação Científica da FFC**, v. 10, n. 2, pp. 1-17, 2010.

TEICHLER, U. The Changing debate on Internacionalization of higher education. **Higher Education**, nº 48, pp. 5-46, 2004.

Tropa de Elite. Direção: José Padilha. Produção: José Padilha; Marcos Prado. Intérpretes: Wagner Moura; André Ramiro; Caio Junqueira; e outros. Roteiro: Bráulio Mantovani; José Padilha; Rodrigo Pimentel. Música: Pedro Bromfman. Produzido por Zazen Produções, Posto 9, Feijão Filmes. 2007

Université De La Rochelle. Faculté des Lettres, Langues, Arts et Sciences Humaines, 2019. Página da Faculté des Lettres, Langues, Arts et Sciences Humaines. Disponível em: <https://flash.univ-larochelle.fr/Langues-Etrangeres-Appiquees>. Acesso em: 24 de março de 2019.

VAN DAMME, Dirk. Quality issues in the internationalization of higher education. In: **Higher Education**, nº 41, pp. 415-441, 2001.

WILLIAMS, R. **Culture and Society, 1780-1950**. Londres: Chatto & Windus, 1958. [**Cultura e Sociedade, 1780-1950**. São Paulo: Nacional, 1969].

_____. **The Long Revolution**, Harmondsworth: Penguin, 1965.

YEUNG, A. K.; READY, D. A. Developing Capabilities of Global Corporations: A Comparative Study in Eight Nations. In: **Human Resource Management**, 34, 1995.

APÊNDICE A - Roteiro da Entrevista

Roteiro da Entrevista

Texto introdutório

O objetivo da nossa pesquisa é entender se o estudante LEANI se sentiu como um representante da cultura brasileira enquanto esteve em mobilidade internacional, independente do país onde viveu. Ou seja, se o intercambista se considera, de certa forma, um embaixador do Brasil durante a experiência do intercâmbio internacional.

Nós escolhemos realizar entrevistas com alguns estudantes que já viveram a experiência do intercâmbio como uma maneira de comprovar ou não essa hipótese. Por isso, elaboramos uma entrevista na qual os entrevistados possam contar suas vivências, situações e até emoções que consideram relevantes durante a sua permanência fora do Brasil. As suas narrativas serão fundamentais para o enriquecimento do nosso trabalho, já que a inspiração para o nosso tema se baseia justamente na nossa própria experiência e como ela acrescentou um aprendizado imensurável. Além disso, seria um privilégio, como pesquisadoras e alunas do curso, poder documentar as narrativas de outros estudantes e poder contribuir para construir um histórico dos LEANIs ao redor do mundo, e como nós temos contribuído para o desenvolvimento do nosso curso.

- **Perguntar se a pessoa tem alguma dúvida sobre a pesquisa ou sobre a entrevista.**
- **“Conta um pouco como foi o seu intercâmbio”.**
(Qualquer pergunta que dê margem para o próprio entrevistado iniciar a narrativa).
Objetivo: Deixar o entrevistado à vontade para revelar um panorama geral sobre a sua experiência no exterior, se gostou ou não e qual a importância do intercâmbio.

Temas para guiar a conversa:

- **Preconceito e Variedade de Culturas**
Objetivo: Deixar que o entrevistado aponte situações nas quais sofreu ou presenciou alguém sofrendo preconceito e quais as nacionalidades que encontrou durante o período de estudos. Ideal se o próprio entrevistado listar essas nacionalidades e começar a estabelecer um tipo de comparação entre elas, incluindo também a sua própria.

- **A comunidade brasileira (bolha brasileira)**

Objetivo: Que o entrevistado fale sobre a “tendência” que existe de aproximar-se das pessoas que possuem a mesma referência cultural que a deles. Procurar saber como era o encontro e a convivência com os brasileiros que também estavam em intercâmbio.

- **Estereótipos e desconstrução**

Objetivo: Trazer à tona memórias do entrevistado sobre a ideia que os estrangeiros possuem sobre o Brasil e como cada um lidou com as opiniões de terceiros. Identificar se houve reflexão sobre a sua própria cultura por parte do entrevistado nesse processo.

- **Hábitos e adaptação**

Objetivo: Entender se o entrevistado manteve a “cultura brasileira” como referência para a sua adaptação a uma “nova” cultura, tentar identificar dificuldades e facilidades nesse processo de adaptação. Identificar se eles preservaram hábitos que tinham aqui, mesmo vivendo em outro país.

- **Importância da língua estrangeira**

Objetivo: Independente do país, procurar identificar se o entrevistado fala sobre o uso das línguas aprendidas no curso e se ele as utilizou ou não no intercâmbio, e como.

- **Retorno ao Brasil**

Objetivo: Saber como foi a readaptação pós-intercâmbio e como as pessoas ao seu redor reagiram à sua volta e se o entrevistado se sentiu, de alguma forma, diferente da pessoa que era quando ingressou no intercâmbio.